

Universidade de Lisboa



A EXPRESSÃO DO GRAFFITI: DA MOTIVAÇÃO À CONCEÇÃO PLÁSTICA

Salomé Ferreira Afonso

Relatório da prática de ensino supervisionada

Mestrado em Ensino das Artes Visuais
No 3.º Ciclo do Ensino Básico e Ensino Secundário

2016

Universidade de Lisboa



A EXPRESSÃO DO GRAFFITI: DA MOTIVAÇÃO À CONCEPÇÃO PLÁSTICA

Salomé Ferreira Afonso

Relatório da prática de ensino supervisionada
pelo Professor Doutor António Oriol Trindade

Mestrado em Ensino das Artes Visuais
No 3.º Ciclo do Ensino Básico e Ensino Secundário

2016

Agradecimentos

Aos meus pais, por ver neles um exemplo de força e dedicação, pela motivação constante e por todo o amor.

Ao meu Professor Orientador Doutor António Oriol Trindade por todo o apoio, brevidade nos esclarecimentos, interesse pelo tema e simpatia.

À Professora Cooperante Graça Leão pela disponibilidade em colaborar neste projeto de estágio, interesse, integração na escola e simpatia.

A todos os Professores do Mestrado pelos conhecimentos basilares que transmitiram e pela motivação. Serão um exemplo para o meu percurso profissional na área de docência.

Aos meus colegas pela amizade que construímos e pela partilha de ideias e conhecimentos.

Aos alunos do 11º AV – 2014/15 pela excelente receção, pela receptividade ao tema proposto, empenho, interajuda e simpatia.

Aos meus amigos, pelo companheirismo, pela dedicação e paciência.

A todos os *writers* que tive oportunidade de conhecer e que me inspiraram na escolha deste tema, pela sua arte e percurso de vida.

ÍNDICE

ÍNDICE DE FIGURAS.....	V
RESUMO.....	VIII
ABSTRACT.....	IX
INTRODUÇÃO.....	1

I. ENQUADRAMENTO TEÓRICO

1. Motivação e Cultura Visual.....	4
2. A expressão do Graffiti.....	8
2.1 Etimologia e história.....	9
2.2 Da técnica à estética.....	13
2.2.1 Diferentes estilos, diferentes estéticas.....	14
2.2.1.1 Realismo.....	15
2.2.1.2 Ilustração.....	16
2.2.1.3 Grafismo.....	17
2.2.1.4 Anamorfoses.....	18
2.2.1.5 <i>Stencil</i>	19
2.2.1.6 Colagens de posters e <i>stickers</i>	20
2.2.1.7 Experimentalismo.....	21
2.2.1.8 <i>Lettrings: Tag, Bombing, Throw-up</i>	22
2.3. O graffiti e sua receção na sociedade contemporânea.....	23
2.3.1. Legal ou ilegal.....	23
2.3.2. Estado da arte.....	24

II. PROJETO DE ESTÁGIO

1. ENQUADRAMENTO ESCOLAR.....	28
1.1 A escola.....	28
1.1.1 Contexto Histórico.....	28
1.1.2 O Patrono Emídio Navarro.....	30
1.1.3 Localização.....	31
1.1.4 Acessos.....	31
1.1.5 Caracterização do agrupamento.....	32
1.1.6 Órgãos.....	32
1.1.6.1 Órgãos de gestão.....	32

1.1.6.1.1 Direção.....	32
1.1.6.1.2 Conselho pedagógico.....	33
1.1.6.1.3 Conselho geral transitório.....	33
1.1.7 Parcerias.....	34
1.1.8 Projetos apoiados pela ESEN.....	34
1.1.9 Projeto Educativo 2010-2013.....	35
1.1.10 Composição da comunidade educativa.....	35
1.1.11 Oferta formativa.....	35
1.1.12 Serviços.....	36
1.1.13 Classe socioeconómica predominante.....	36
1.1.14 Instalações.....	36
1.1.14.1 Remodelação pela Parque Ecolar.....	36
1.1.14.2 Caracterização dos diferentes espaços da escola.....	37
1.1.15 Caracterização das salas.....	43
1.1.16 Grupo 600.....	44
1.1.16.1 Departamento de Expressões.....	44
1.1.16.2 Disciplinas associadas.....	44
1.1.16.3 Parâmetros e critérios de avaliação – Ensino Secundário.....	44
 2. DESCRIÇÃO DO PROJETO PEDAGÓGICO DE ESTÁGIO.....	47
2.1 Caracterização de 11º ano de AV (2014/2015).....	47
2.2 Tema.....	49
2.3 Problemática de investigação.....	49
2.4 Descrição da atividade proposta.....	51
2.5 Objetivos da Proposta de Trabalho.....	51
2.6 Conteúdos programáticos.....	52
 3. ESTRATÉGIAS ADOTADAS.....	52
3.1 Estratégias.....	52
3.1.1 Estilo motivacional do professor.....	53
3.1.2 Redes Sociais e de partilha de informação entre o grupo turma.....	54
3.1.3 Reflexão em grupo e tertúlias.....	56
3.1.4 Atividades experimentais fora da sala de aula.....	56

III. CONCRETIZAÇÃO DO PROJETO

1. DESCRIÇÃO DAS AULAS LECIONADAS.....	58
2. AULAS EXTRA.....	64
2.1 Aula de experimentação de material.....	65
2.2 Aula de pintura de rua.....	67
3. AVALIAÇÃO DO TRABALHO DOS ALUNOS.....	68
3.1 Critérios de avaliação.....	68
3.2 Resultados da Avaliação Contínua – 1º Período.....	69
3.3 Análise de resultados.....	71

REFLEXÕES FINAIS.....	72
------------------------------	-----------

BIBLIOGRAFIA.....	75
--------------------------	-----------

APÊNDICES

- I. Entrevista à professora cooperante Graça Leão
- II. Planificação da Unidade Temática

CD - ANEXOS

- I. Regulamento Interno
- II. Projeto Educativo
- III. Programa de Desenho A
- IV. Planificação detalhada de 11º ano
- V. Avaliação 1º Período_11AV_2014_15_DesenhoA
- VI. Enunciado do projeto_Arte com Responsabilidade
- VII. O Rosto Humano
- VIII. Autorização de captação de imagens em aula
- IX. Fotografias de aulas e trabalhos dos alunos
- X. Relatório da Professora Cooperante Graça Leão

ÍNDICE DE FIGURAS

Fig. 1, Charlier Parker. Autor e local desconhecidos.....	10
Fig. 2, Beat Generation. Autor e local desconhecidos.....	10
Fig. 3, Graffiti, os primeiros anos: JOE 182, 1970. Autor e local desconhecidos.....	11
Fig. 4, TRACY 168 pinta carruagem em dois minutos em 1974. Mais tarde acrescentou tinta branca para a fotografia. Autor e local desconhecidos.....	11
Fig. 5, Perfusão de tags no interior de uma carruagem de metro em Nova York.1973. Autor desconhecido.....	12
Fig. 6, Lettring no exterior de uma carruagem de metro em Nova York. 1984. Autor desconhecido.....	12
Fig. 7, Tasso, Maclaim crew, Fábrica do braço de prata, Lisboa, Portugal. Autor: Paulo Rocha.....	15
Fig. 8, Tasso, Maclaim. Autor e local desconhecidos.....	15
Fig. 9, Herakut. Autor e local desconhecidos.....	16
Fig. 10, Pintura de Mário Belém. Djerba, Tunísia, autor: Lara Seixo Rodrigues.....	16
Fig. 11, Pintura de Etam crew. Autor e local desconhecidos.....	16
Fig. 12, Rubin's Cube – Version 2.0, realizado por Rubin415, <i>Gallery Nine5</i> New York, 2014. Autor: Rubin 41.....	17
Fig. 13, Pintura realizada por SKRAN para o concurso de Graffiti de Almada, 2013 Autor: SKRAN.....	17
Fig. 14, Money cant buy freedom por Odeith, 215. Autor e local desconhecidos.....	18
Fig. 15, Pintura de Banksy, Autor e local desconhecidos.....	19
Fig. 16, Pintura de Banksy, Autor e local desconhecidos.....	19
Fig. 17, <i>Sticker</i> de Obey. Autor desconhecido.....	20
Fig. 18, Poster de Swoon. Autor e local desconhecidos.....	20
Fig. 19, Viva la Revolución group show, Vhils. San Diego, USA. Autor desconhecido..	21
Fig. 20, Viva la Revolución group show, Vhils. San Diego, USA. Autor desconhecido..	21
Fig. 21, Pintura de Reis crew, Lisboa. Autor desconhecido.....	22
Fig. 22, Dondi a pintar Carruagem. Autor: Martha Cooper.....	24
Fig. 23, Martha Cooper mostra uma fotografia de sua autoria e editada no livro “Subway Art” que revolucionou a fez interessar-se pela temático do Graffiti. Autor: Martha Cooper.....	24

Fig. 24, Graffiti de Dondi numa carruagem de comboio em Nova Iorque. 1980 Autor: Martha Cooper.....	25
Fig. 25, Basquiat e Keith Haring. Autor e local desconhecidos.....	27
Fig. 26, <i>Tutoomondo</i> . De Keith Haring. Autor e local desconhecidos.....	27
Fig. 27, Frase pintada por Basquiat a.k.a. SAMO numa parede de Nova Iorque. Autor desconhecido.....	27
Fig. 28, Antigo logotipo da Escola Secundária Emídio Navarro, Almada.....	28
Fig. 29, Atual logotipo da Escola Secundária Emídio Navarro, Almada.....	28
Fig. 30, Pavilhão gimnodesportivo da Escola Secundária Emídio Navarro, Almada. Autor desconhecido.....	28
Fig. 31, Patrono Emídio Navarro da Escola Secundária Emídio Navarro, Almada.....	30
Fig. 32, Vista aérea da Escola Secundária Emídio Navarro, Almada. Autor desconhecido.....	31
Fig. 33, Logotipo do Centro UNESCO Ciência, Arte e Engenho.....	34
Fig. 34, Logotipo da Universidade Sénior de Almada.....	34
Fig. 35, Projeto de reconstrução do pavilhão gimnodesportivo. Autor desconhecido.....	37
Fig. 36, Vista exterior da escola. Autor desconhecido.....	37
Fig. 37, Corredor interior do edifício antigo. Autor desconhecido.....	37
Fig. 38, Escadas interiores de edifício antigo. Autor desconhecido.....	38
Fig. 39, Pátio exterior. Autor desconhecido.....	38
Fig. 40, Exterior do pavilhão gimnodesportivo. Autor desconhecido.....	38
Fig. 41, Alpendre. Autor desconhecido.....	39
Fig. 42, Entrada do bar. Autor desconhecido.....	39
Fig. 43, Espaço exterior. Autor desconhecido.....	39
Fig. 44, Interior do bar. Autor desconhecido.....	40
Fig. 45, Exterior do bar_1. Autor desconhecido.....	40
Fig. 46, Exterior do bar_1. Autor desconhecido.....	40
Fig. 47, Campo desportivo. Autor desconhecido.....	41
Fig. 48, Pavilhão gimnodesportivo interior. Autor desconhecido.....	41
Fig. 49, Laboratório de ciências. Autor desconhecido.....	41
Fig. 50, Laboratório de fotografia. Fonte própria.....	42
Fig. 51, Sala de aula de desenho. Fonte própria.....	42
Fig. 52, Arrecadação de desenho. Fonte própria.....	42
Fig. 53, Bancada húmida de desenho. Fonte própria.....	43

Fig. 54, Sala de aula. Fonte própria.....	43
Fig. 55, Visita de estudo ao CAM. Fonte própria.....	48
Fig. 56, Mockup de Pinterest de turma. Fonte própria.....	55
Fig. 57, Aula de graffiti no pátio. Fonte própria.....	57
Fig. 58, Auto retrato de aluno. Fonte própria.....	59
Fig. 59, Auto retrato de aluna. Fonte própria.....	59
Fig. 60, Exercício de stencil. Fonte própria.....	61
Fig. 61, Diferentes etapas de exercício de stencil. Fonte própria.....	62
Fig. 62, Exercício de expressão – pintura em grupo no pátio. Fonte própria.....	63
Fig. 63, Pintura de aluna com spray. Fonte própria.....	63
Fig. 64, Exercício de stencil. Fonte própria.....	63
Fig. 65, Apresentação de molde depois de pintado. Fonte própria.....	63
Fig. 66, Resultado final de auto-retratos pintados a stencil. Fonte própria.....	64
Fig. 67, Mapa de Almada com indicação de zona de pintura autorizada. Fonte própria....	65
Fig. 68, Muro para intervenção de pintura. Fonte Google Maps.....	65
Fig. 69, Desenho de projeção em tela. Fonte própria.....	66
Fig. 70, Experimentação de técnicas de pintura. Fonte própria.....	66
Fig. 71, Pormenor de tela pintada. Fonte própria.....	66
Fig. 72, Projeto para pintura de rua. Fonte própria.....	67
Fig. 73, Pintura conjunta de mural de rua. Fonte própria.....	68
Fig. 74, Alunos a pintar em stencil. Fonte própria.....	68
Fig. 75, Aplicação de moldes. Fonte própria.....	68

RESUMO

O presente relatório realizado no âmbito do Mestrado em Ensino das Artes Visuais no 3º ciclo e ensino secundário tem como tema “A expressão do graffiti: da motivação à conceção plástica” compondo-se pela reflexão feita sobre a prática de ensino supervisionada na disciplina de Desenho A, com a turma do Curso Geral de Artes Visuais do 11º ano, na Escola Secundária Emídio Navarro em Almada.

Para a realização do estudo aqui apresentado, foi analisada a turma em questão, durante o ano letivo 2013/2014, no decorrer do seu 10º ano de escolaridade e identificada uma problemática para estudo. Feito um levantamento sobre as competências base dos alunos, as suas motivações e as suas características socioeconómicas, caracterizou-se como principal problemática a que surgia da falta de motivação em trabalhar determinados materiais e técnicas de forma académica e mimética com as quais não se sentiam identificados. O contexto urbano onde estes alunos se inseriam e a sua cultura visual foram por isso fundamentais na escolha do tema deste estudo, tendo deste modo como principal objetivo, a identificação dos alunos com a obra artística e sucessivamente a estimulação da sua curiosidade por forma a motivar a aprendizagem de novas técnicas e materiais. Deste modo, foi incentivada a experimentação de diversas técnicas que compõem a arte do Graffiti e estudado o cânone do rosto humano através da observação do seu próprio rosto recorrendo à técnica do *stencil*.

Como estratégia de ensino foi estimulada a tertúlia e troca de conhecimentos após alguma investigação sobre *street art*, foi criado um *Pinterest* de turma, uma rede social de partilha e arquivo de imagens onde os alunos puderam criar o seu próprio banco de imagens sobre *street art* e foi promovida a pintura fora da sala de aula, adotando um carácter mais experimentalista e informal. O período de estudo balizou-se durante a Unidade Temática “Desenho do rosto” com a duração de onze blocos de aulas, de 45 minutos cada um, embora tenha existido um acompanhamento da turma pré e pós lecionamento desta unidade, com o desenvolvimento de outras atividades sobre a arte do Graffiti ao longo do presente ano letivo.

Com esta reflexão pretende-se trazer a *street art* para o meio da educação artística como ferramenta pedagógica e gerador motivacional, de cultura e ideias.

Palavras-chave: *Street art*, Graffiti, Educação Artística, Motivação, Materiais e Técnicas

ABSTRACT

This report was developed within the scope of the Master's Program in Visual Arts Education for school stages 7th through 9th grade and 10th through 12th grade under the theme “The expression of graffiti: from motivation to plastic and visual conception” and is composed of the reflection carried out regarding the supervised praxis of teaching in the subject of Drawing A, with the 11th grade class of the High School Course in Visual Arts, at Escola Secundária Emídio Navarro [High School Emídio Navarro] in Almada. To conduct this study the aforementioned class was analysed throughout the school year of 2013/2014, during the course of the students' 10th grade, and a topic for research was identified. After carrying out a survey of the students' base-skills, of their motivations and their socio-economic characteristics, it was established as the main issue that which arose from the lack of motivation when it came to working with specific materials and employing specific techniques in academic and mimetic form when the students do not relate to them. The urban context that makes up these students' setting and the students' visual culture were therefore paramount in the choosing of this study's topic. As such, the main purpose of the study was to foster the identification of the students with the art piece and, subsequently, to stimulate their curiosity in such a way as to motivate learning of new techniques and materials. Experimenting with the various techniques that make up Graffiti art was therefore encouraged, along with the study of the canon of the human face through the observation of the students' own face, by resorting to a stencil technique. Lively debate was cultivated as a teaching strategy, as well as an exchange of knowledge after some research on street art, and a class Pinterest was created, a social network of image sharing and filing, through which students were able to create their own image bank on street art. Painting outside of a class environment was also promoted, which took on a more experimentalist and informal character. This study took place within the timeframe of the Subject Module “Face Drawing”, standing at eleven class sessions, 45 minutes each, and there was follow-up work with the class before and after teaching this module, in which other Graffiti art related activities were developed throughout the current school year. This reflection intends to bring street art into the midst of artistic education, as a teaching tool and a generator of motivation, culture and ideas.

Keywords: Street art, Graffiti, Artistic Education, Motivation, Materials and Techniques

INTRODUÇÃO

A formação artística encerra em si uma abrangência formativa que se inicia dentro de casa, com os valores da família, passando por um contexto sociocultural e encerrando-se dentro das opções de cada indivíduo quando escolhe o caminho das artes. Hoje, a escolha artística de uma perspectiva escolar, faz-se na entrada para o ensino secundário, mas a motivação desta escolha deriva dessa educação familiar, dos interesses e curiosidades de cada indivíduo, dos seus *hobbies* e de outros tantos fatores muitas vezes desvinculados do universo artístico. No entanto, o caminho das escolhas, muitas vezes não fundamentadas, constrói-se por pontos de fuga, caminhos que se escolhem por escape a outras áreas menos apetecíveis e a área artística tem sido reflexo dessas não escolhas. Alguns alunos sabem bem o que não querem, muitas vezes por dificuldades sentidas em algumas áreas ao longo do seu percurso escolar, mas não têm certezas do que querem. Por consequência, as disciplinas específicas da área de Artes Visuais são encaradas com um desconhecimento profundo do meio e falta de entusiasmo à partida, que acabam por refletir nos alunos a resistência às aprendizagens, o medo de desenhar e a falta de autonomia.

Sendo assim, a prática pedagógica dos docentes de Artes Visuais terá de se vincular à cultura visual dos alunos e à sua sucessiva construção cultural, nunca descorando todo o seu legado histórico da cultura das Belas Artes, mas iniciando a sua demanda pela valorização dos seus conhecimentos adquiridos sobre a cultura que lhes é próxima e aprofundando-os até às suas raízes.

Se as artes foram outrora um gerador motivacional junto dos alunos, a heterogeneidade dos alunos que compõem as escolas secundárias, muitas vezes oriundos de bairros mais desfavorecido, com culturas distintas uns dos outros, onde existem desequilíbrios de classes e culturas, faz com que estes não encontrem identificação na cultura escolar e por isso criem resistências à mesma como refere Paul Willis.

Paul Willis, cientista social britânico conhecido pelo seu trabalho em sociologia e estudos culturais, refere a importância de pensarmos as culturas juvenis com respeito e interesse por forma a compreendermos melhor as alterações sociais e culturais, tanto ao nível de manifestações simbólicas como nos próprios corpos de quem as vivencia.

Esta sugestão de compreensão cultural do outro, bem como a insatisfação dos alunos face a cultura escolar, leva-nos ao cerne deste estudo, trazendo a cultura da arte de rua, tão próxima da cultura visual dos alunos, por forma a captar-lhes a atenção para o tema do graffiti e deste modo, estimulando-lhes a atenção necessária para a análise do cânone do

rosto humano segundo novas técnicas e materiais, indo ao encontro das aprendizagens relativas ao 11º ano da disciplina de Desenho A.

Neste relatório será apresentada primeiramente a sua fundamentação teórica onde é feita uma análise histórica da arte de rua bem como dos movimentos, categorizados de forma empírica, que derivaram desde o seu início à atualidade bem como uma análise das primeiras questões levantadas em observação de aula que originaram este estudo e que se balizam entre questões motivacionais e de cultura visual.

O problema sob investigação foi identificado aquando da prática profissional supervisionada, resultante de uma primeira análise aprofundada da turma de 10º ano do Curso Geral de Artes Visuais no contexto escolar do Agrupamento de Escolas Emídio Navarro em Almada durante o ano letivo 2013/2014. Foi registado durante esse ano letivo da turma em questão que a sua cultura visual, as suas capacidades em desenho de observação e de conhecimento em técnicas várias se encontravam debilitadas. Com base nestes registos de observação de aula, a estratégia de ensino debruçada sobre o tema “A expressão do graffiti: da motivação à conceção plástica” foi aplicada à turma observada durante o 1º período escolar do ano letivo 2014/2015 desta mesma turma, na frequência do seu 11º ano, na disciplina de Desenho A.

A prática letiva supervisionada compôs-se pela articulação de duas atividades que se complementaram, o desenho através do cânone do rosto humano e a técnica do graffiti inseridas na unidade didática “Desenho do rosto e técnica do graffiti”. Teve como objetivo a compreensão de referentes, nomeadamente a estrutura no desenho do rosto através da experimentação da técnica de pintura com latas de *spray*, procurando estimular a motivação para a superação das lacunas referidas anteriormente através da identificação geracional com a arte de rua. É assim tomado como objetivo que o aluno obtenha resultados na compreensão da estrutura do cânon do rosto humano por forma a impulsioná-lo para o desenho académico do rosto com maior segurança. É por isso proposto ao aluno que durante a unidade didática de desenho do rosto humano, faça o desenho do seu próprio rosto, um autorretrato que através da simplificação por nivelamento o leve à técnica do *stencil*. Esta atividade teve onze aulas de duração com 45 minutos cada uma e foi composta por três blocos centrais de conteúdos, o desenho do rosto humano, a comunicação e o graffiti com o objetivo de, através da sua simbiose, despertar também no aluno o interesse por novas técnicas e materiais.

Relativamente ao desenho do rosto humano, numa primeira fase são apresentadas ao aluno as proporções do rosto humano, onde a partir do qual é sugerida uma

simplificação do seu próprio rosto através da mancha provocada pelo claro-escuro, respeitando as regras da proporcionalidade e tendo por base uma fotografia do mesmo.

Numa segunda fase, é apresentada ao aluno a arte do graffiti à qual estão associadas a origem do seu nome, as questões sociais de arte ou vandalismo, os termos técnicos inerentes à mesma e o graffiti como forma de comunicação. É então feita uma proposta de pesquisa em grupo turma sobre artistas e técnicas desta arte que resultaram num debate de ideias. Esta pesquisa foi realizada nos seguintes moldes: através de trabalho de campo, fotografando pinturas urbanas; através de bibliografia da área; através da internet, tendo sido criada para a pesquisa digital, um blog de turma associado à rede social Pinterest onde todos os alunos puderam em conjunto criar um banco de imagens supervisionado pelos respetivos docentes, transversal a qualquer tema abordado durante todo o ano letivo.

Numa terceira fase é desenvolvido o exercício de *stencil*, uma das técnicas usadas nesta arte, onde através do recorte de manchas, resultantes do primeiro trabalho de simplificação das formas do rosto, o aluno compreenda as proporções e relações de estrutura entre as partes, faça o recorte em papel das mesmas, crie um molde e o use com a técnica da pintura a *spray* em diversas superfícies explorando esta técnica. Para este trabalho foram sugeridas as placas de PVC, o cartão e o papel de cenário para suportes.

Este projeto de pintura em graffiti, por interesse da professora cooperante e respetiva turma foi replicado no terceiro período com o objetivo final de uma pintura coletiva numa parede pública na zona periférica das instalações da escola. Com o conhecimento da Câmara Municipal de Almada, englobando os conteúdos de desenho lecionados ao longo deste ano letivo e presentes na planificação anual da disciplina de Desenho A foram desenvolvidos pelos alunos diversos projetos em grupo alusivos ao tema “Arte com responsabilidade”. Este projeto foi concretizado no final do terceiro período fechando com esta demonstração pública o ciclo que dá significado à arte do graffiti, a sua exposição à comunidade.

I. ENQUADRAMENTO TEÓRICO

1. Motivação e Cultura Visual

A crítica das motivações de linha sociológica apresentada por Giulio Carlo Argan estuda a paridade entre a esfera social e a atividade artística com o objetivo de explicar a obra de arte como resultado da situação sociocultural onde se insere. A linha sociológica que determinava, já no século XIX, que a arte era um reflexo de instituições, preferências e modos de vida ao longo dos séculos, encontra no materialismo marxista estudado por A. Hauser e F. Antal e referido por Argan na obra “Arte e crítica da arte”, o seu expoente máximo em que o reflexo do círculo social na obra de arte desaparece e a arte passa a ser um produto de condicionalismo social. Este estudo aponta para os condicionalismos de trabalho do artista que vão das condições económicas às condições sociais. Num sentido mais lato, este estudo estabelece a paridade entre técnicas e tecnologias de um determinado tempo com os procedimentos operativos da arte (Argan, 1995, p.157).

No entanto o destino sociológico da arte também se cruza com o anticonformismo dos artistas perante questões sociais do seu tempo ou cultura. E esta dialética nunca foi posta em causa pela crítica de linha sociológica com poucas exceções. Uma destas exceções centra-se nos críticos que aderem à vanguarda russa entre as décadas de 20 e 30 do séc XX e partem do princípio que a função do artista é representar e não ter um sentido crítico ou interventivo na sua obra.

Não obstante, a arte não se baliza exclusivamente entre o seu destino social e as questões existenciais dos artistas, condicionalismos económicos, de produção ou consumo. Ela é abrangida pela experiência dilacerante do observador, ou seja é posta à prova pela sua veracidade, beleza, significado e responsabilidade não sendo apenas fruída de forma contemplativa ou de reconhecimento como peça artística.

“O pensamento, há muito latente e formulado claramente por J. Dewey, de que a arte não é o transcender da experiência, pura contemplação, mas momento concreto e operativo da própria experiência, coloca sem dúvida o problema da qualidade específica da experiência artística, mas também o do tipo de experiência que essa determina ou solicita nos fruidores.” (G.C Argan, 1995, p.155)

Argan quer com isto especificar que na sociedade atual, a experiência de fruição não está exclusivamente reservada a um grupo restrito e privilegiado mas a todo o grupo social.

“Um dos planos nos quais a experiência artística pode ser generalizada é o da percepção: todos captam, mas a percepção está sempre condicionada por um conjunto de convenções ou de costumes, que a própria arte no passado contribuiu para instituir e que, em última análise, dependem do condicionamento que as classes dirigentes impõem à comunidade. Daqui o pensamento de que a arte, em vez de condicionar, deva educar para uma experiência direta, despreconceituada e construtiva da realidade: em suma, a uma percepção que seja já o acto da consciência. (...) a arte já não como um produto da apreensão e da emoção sensorial, mas como autêntico “pensamento visual” (R. Arnheim).” (G.C Argan, 1995, pp.155-156)

Contudo a pesquisa iconológica levantou questões do inconsciente individual que adiciona à obra um revisitar de memórias e de conhecimento sempre variável de observador para observador e que lhe incute significados diversos e por vezes divergentes, associações estas ligadas às correntes de pesquisa de Freud e Jung.

Toda esta desconstrução comportamental do observador, com mais ou menos cultura visual, em relação à obra, espelha-se no enclausuramento de peças performativas, instalações e arte concetual em galerias de arte ou museus por, dentro destes, o fio condutor de reconhecimento entre observador e obra se faça de forma natural. No entanto, a arte que extravasa para fora das galerias e é tornada “pública” sofre em si da descontextualização do espaço “artístico” para um espaço cheio de ruído visual, de objetos comuns e rotinas do observador que não levam ao reconhecimento imediato da mesma pelo habitual ocupante daquele espaço, seja este um espaço fechado ou aberto, por não estar identificado como espaço de “exposição” de obra artística.

A falta de relação que existe entre jovens e galerias depende, em grande parte, por este contexto artístico de atividade cultural não estar embebido nas rotinas das famílias portuguesas.

O percurso de escolhas que um aluno faz, por isso, aquando da sua entrada no 10º ano relativamente à área de estudo onde ingressa reflete em si a sua educação familiar, interesses e curiosidades. Em relação ao grupo específico em estudo, a turma de 11º AV, o fator cultura visual não foi o gatilho que despoletou a motivação intrínseca dos alunos na escolha da área artística. O caminho das escolhas apresenta-se hoje muitas vezes desvinculado do percurso motivacional de cada indivíduo porque todo o conhecimento adquirido, que possa envolver a cultura familiar, escolar ou interesses pessoais que englobam os *hobbies* dos alunos fora de aulas bem como a ocupação dos seus tempos livres estão afastados do mundo artístico como ele se desenvolve e perpetua fora das paredes da escola.

Durante a observação da turma durante o seu 10º ano que contou com a observação em aula e com conversas partilhadas entre professores e turma conclui-se que o professor de artes terá de adotar um estilo motivacional para que o aluno encontre por si mesmo as suas necessidades psicológicas inatas. Estas necessidades psicológicas inatas foram explanas por Richard M. Ryan e Edward L. Deci, ambos psicólogos norte-americanos e professores de psicologia na University of Rochester e descritas na teoria da autodeterminação. Esta teoria foi desenvolvida com o fim de compreender as necessidades subjacentes à motivação intrínseca.

A motivação intrínseca está vinculada à autonomia do indivíduo, à aquisição de competências desenvolvidas e aplicadas pelo próprio e ao sentido de pertença levando-o ao estabelecimento de vínculos com o meio, sejam grupos de trabalho, professores na escola ou sociedade.

A satisfação da necessidade de preenchimento destes requisitos leva o indivíduo a uma sensação de bem-estar e realização pessoal, levando no caso dos alunos ao interesse pelas aprendizagens, à valorização do ensino e à confiança nas suas capacidades e atributos promovendo assim o seu desenvolvimento e a saúde psicológica.

As investigadoras Sueli Guimarães, doutorada em psicologia pela University of Kansas e Evelyn Boruchovitch doutorada em psicologia pela University of Southern California explanaram a teoria da autodeterminação aplicada ao estilo motivacional que um professor deverá adotar como estratégia pedagógica e educacional no artigo “O estilo Motivacional do Professor e a Motivação Intrínseca dos Estudantes: Uma perspectiva da Teoria da Autodeterminação”.

Quando estrategicamente, o professor introduz o fator de recompensa por cada tarefa realizada, está a despoletar no aluno a motivação extrínseca reduzindo o envolvimento deste na atividade proposta. A motivação extrínseca interfere por isso com as necessidades psicológicas inatas do indivíduo desenvolvendo sentimentos negativos de frustração associados às frases que tantas vezes se ouvem em sala de aula “Eu não consigo.” ou “Eu não sou capaz.”, desencadeando sentimentos de fraqueza e fazendo com que o indivíduo crie dependência de algo ou alguém. No entanto, a principal consequência das dinâmicas de recompensa está associada ao desvio do foco de atenção do aluno na tarefa recolocando-o na recompensa.

O estilo motivacional do professor é por isso determinante nas estratégias de ensino e motivacionais. Este estilo é balizado pela personalidade de cada professor existindo aqueles com personalidades caracterizadas pelo controle e por isso mais

autoritários e os mais sensíveis às emoções do outro, mais empáticos que promovem a autonomia na tomada de decisões, na escolha de caminhos e na realização de atividades. Estando o estilo motivacional relacionado diretamente com a personalidade, o professor torna-se vulnerável a fatores contextuais como o número de alunos por turma, o gênero, as idades, a relação que o aluno estabelece com o restante corpo docente entre outras. De outro ponto de vista, um professor empático com a condição do aluno com objetivo de estimular a sua motivação intrínseca extrapola estas condicionantes descritas com o fim de englobar na sua percepção sobre cada aluno as pressões sentidas por este no decorrer do ano letivo e que advém da sua condição escolar, familiar e social. Com esta informação o professor estará apto a nutrir as necessidades psicológicas básicas de autodeterminação, competência e segurança necessárias ao aluno e para tal terá de adotar estratégias de ensino-aprendizagem que englobem oportunidade de escolha, feedbacks constantes e com significado, recorrendo ao envolvimento das aprendizagens com os interesses dos alunos.

1. A expressão do Graffiti

O Graffiti, como o conhecemos hoje em dia, tem uma história curta mas diversificada e espalhada por todo o mundo. Comporta em si diferentes polémicas, significados e estilos.

Enquanto palavra, incorpora na sua significação uma história ligada à sua etimologia, uma história comum com a expressão artística e com as correntes artísticas, uma discrição técnica, uma forma de expressão social e política e uma linguagem.

Tem sido um alvo apetecível a artistas, fora do mundo da *street art*, como designers, arquitetos, artistas plásticos, etc, pois pelo impacto que este género artístico tem, estando na rua aos olhos de todos, oferece a possibilidade da obra do artista chegar mais depressa a um maior número de pessoas, podendo impulsionar o trabalho de cada um em outras vertentes artísticas. Todos estes gritos artísticos, de pinturas murais ou de intervenções na rua por parte de artistas, têm alterado mentalidades e políticas. Se na década anterior a opção era castrar o artista, limpar as suas pinturas, educa-lo nas escolas para o que não devem fazer, hoje são as autarquias municipais que os convidam a pintar, a expressarem-se, pedindo-lhes para dar cor às metrópoles. E onde fica o lugar-comum da ilegalidade em que se apoiava o Graffiti e dos chamados *toys*? Adolescentes que ainda veem no *Tag*, nome dado à assinatura do *writer*, a sua afirmação máxima na cidade. E aos olhos de quem pintava na ilegalidade, carruagens de comboios, e hoje se dedica a contar histórias em *Hall of Fames*, como encaram esta mudança da legalização desta expressão artística praticada nas ruas? Terá o graffiti uma história transversal a estas histórias, às vidas de quem pinta?

O vandalismo e a poluição visual, infelizmente, ainda são um tema delicado, ainda são práticas comuns por parte de jovens que afirmam a sua irreverência na delinquência de um traço desenhado no sítio errado. Mas ser irreverente é bater o pé e pedir mais paredes autorizadas, é reinventar técnicas, refrescar estilos, ficar conhecido pela sua qualidade artística e pelas mensagens que pretende passar e por isso, dar um bom exemplo do “estado da arte” em eventos como a Mostra de Graffiti de Almada. Esta é também uma forma de educar o sentido estético e crítico, não só de quem para para ver, mas também de quem almeja ter um nome no mundo da arte urbana.

2.1 Etimologia e História

Refletindo sobre a etimologia da palavra Graffiti, ela poderá ter a sua origem no grego *γράφειν* (graphein) "escrever" ou no italiano *Sgraffito* "arranhar; riscar". *Sgraffito* é também o nome, que em Itália, se dá à técnica de decoração mural produzida pela aplicação de camadas de gesso e tingida por cores contrastantes. No entanto, em ambas as etimologias apresentadas, o Graffiti como o conhecemos hoje, é uma pintura mural que se iniciou com a escrita de palavras em paredes nos anos 60, na América do Norte, e por isso, os autores destas pinturas são conhecidos por *writers* "escritores". Não obstante, a origem da palavra é pouco elucidativa dos significados que resgatou para si do imaginário urbano. Na verdade, podemos pensar que, se Graffiti se resume à pintura mural, então a história do Graffiti atravessa milénios e começa no Paleolítico, dentro das cavernas, onde os primeiros Homo Sapiens deixaram inscritos alguns desenhos alusivos às suas atividades recolectoras. É sabido que, o Homem sente necessidade de se expressar no seu meio desde o início da sua existência. Desde essa época, em que os suportes murais eram paredes de grutas, até ao espaço urbano que habitamos hoje, encontramos mensagens verbais e não-verbais repletas de significado. Na caverna de Lascaux em França, foram descobertos desenhos feitos pelo homem pré-histórico estimados em 17.300 anos. Estes desenhos, na sua maioria riscados nas paredes das cavernas com ossos e pedras, denotam a origem da expressão humana através do desenho em paredes para comunicar ideias com outros seres humanos que coexistam no mesmo espaço. Contudo, não só o desenho em paredes de grutas poderá ter dado origem à atual pintura mural, também a técnica do *stencil* e do *spray* foi descoberta pelo homem primitivo. Este soprava pó colorido através de ossos ocos em torno das suas mãos e recriava deste modo, silhuetas do seu próprio corpo para as incluir nas narrativas que contava nas paredes das grutas.

Desde então, outros exemplos da vasta história da pintura mural se sucederam e o exemplo que se segue encontra-se associado às culturas clássicas da Grécia e da Roma antiga. Durante as escavações de Pompeia em Itália, foram descobertas imagens pintadas nas paredes da cidade que incluíam *slogans* políticos, desenhos de paisagens e pinturas sexuais. Exemplos da expressão do ser humano através da pintura mural.

Mais tarde, durante a Segunda Guerra Mundial, a pintura mural foi usada pelos nazis para gerar ódio racial em relação aos judeus. No entanto, em 1942, os "White Rose", um grupo de alemães não-conformistas, manifestou-se contra Hitler e o seu regime, pintando slogans nas paredes até serem capturados em 1943.

Também em Portugal a pintura mural pós-ditadura Salazarista começou a impregnar as paredes das áreas urbanas com frases políticas e reivindicativas.

No entanto, a história do graffiti moderno nasce nos Estados Unidos da América na década de 1960 contada em alguns episódios paralelos que tiveram origem em Filadélfia e Nova Iorque. Algumas fontes relatam que o Graffiti foi usado principalmente por gangues de rua locais, para marcar o seu território, e por ativistas políticos por forma a tornarem públicos os ideais que defendiam. Os primeiros artistas reconhecidos como *writers* pelos primeiros atos de pintura mural são Cornbread e Cool Earl. Ambos assinaram os seus *nicknames* por toda a cidade de Filadélfia e ganharam a atenção não só da comunidade, mas também da imprensa local. Fala-se também da influência do músico Charlie Parker (Fig. 1), apelidado de "Yardbird" ou "pássaro", na chamada Geração Beat (Beat Generation) (Fig. 2) que teve origem no final da década de 1950 e início da década de 1960. Muitos dos artistas desta geração, tinham uma vida nómada ou fundavam comunidades e deram origem mais tarde ao movimento Hippie. No entanto, a "Beat Generation", o movimento hippie e, antes destes, o próprio Existencialismo, fizeram parte de um movimento mais abrangente hoje apelidado de "contracultura".



Fig. 1 - Charlier Parker. Autor e local desconhecidos

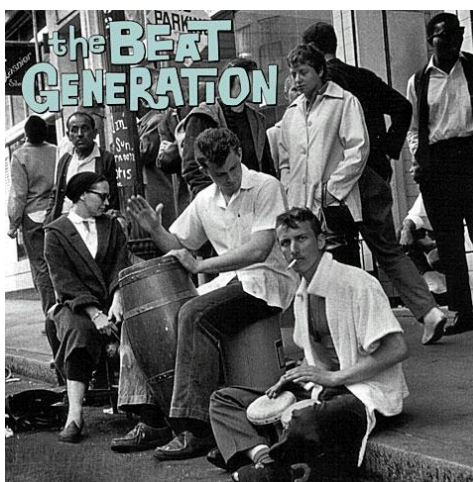


Fig. 2 - Beat Generation. Autor e local desconhecidos

Parker surge como músico de jazz intransigente e intelectual, alguém que transmite valores e confiança e representou por isso um ídolo para esta nova leva de artistas e “escritores” de rua. Esta geração originou uma subcultura de rua, transversal a diferentes manifestações artísticas sendo notória na pintura, na música e na dança, às quais correspondem os estilos de graffiti, RAP e breakdance. Após a morte de Parker em 1955, o Graffiti começou a aparecer em Washington Heights, Brooklyn e Bronx, bairros nova iorquinos, com as palavras "Pássaros Lives". Já em julho de 1971, “The New York

Times” deu conhecimento de algumas manifestações desta pintura com a apresentação de um pequeno perfil de um *writer* chamado TAKI 183 de seu nome Demetrius. No mesmo ano, *writers* como JOE 182 (Fig. 3) e Tracy 168 (Fig. 4) começaram a usar o *bombing*, através de um estilo de letra *bubble*, usando uma convenção de nomenclatura em que acrescentavam o número da sua rua à alcunha, com o objetivo de marcar o máximo de superfícies quanto possíveis.



Fig. 3 - Graffiti, os primeiros anos: JOE 182, 1970. Autor e local desconhecidos



Fig. 4 - TRACY 168 pinta carruagem em dois minutos em 1974. Mais tarde acrescentou tinta branca para a fotografia. Autor e local desconhecidos

Do *bombing* em paredes de ruas, passaram para as carruagens de metro que percorriam toda a cidade e com elas tornaram a sua arte itinerante. Com uma rápida evolução de estios e experimentações. Nessa época, o *lettering bubble* que era popular entre os escritores de Bronx, foi substituído por um novo estilo apelidado por Tracy 168 de *Wildstyle*.

Os *Tags* (nomenclatura dada à assinatura dos *writers*) começou a crescer em tamanho e estilo e nomes notáveis da época, entre outros, são: DONDI, Pink Lady, Zephyr, Julio 204, FRIENDLY FREDDIE, JOE 182, MOSES 147, SNAKE 131, CAY JUNIOR 161, Tracy 168 e TAKI 183, apropriaram-se do mesmo.

O Graffiti foi tornando-se num estilo competitivo e muitos artistas desejavam ter os seus *tags* visíveis em toda a cidade. Os números indicam um crescimento exponencial de *writers* e estes, por já serem uma comunidade tão vasta, começaram a explorar além da escrita, outros elementos que diferenciasssem a leitura da sua obra no ruído urbano (Fig. 5 e 6), que por esta época se fazia sentir. Acrescentaram aos seus *letterings*, ilustrações de paisagens, de personagens de BD e outro tipo de figuras ilustradas que se tornaram únicas e próprias desta arte e que perduram até aos dias de hoje.



Fig. 5 - Perfusão de tags no interior de uma carruagem de metro em Nova York. 1973. Autor desconhecido



Fig. 6 - Lettring no exterior de uma carruagem de metro em Nova York. 1984. Autor desconhecido

Foi durante esse período de afirmação e produção artística que o mundo da arte, já estabelecida e convencionada como tal, começou a tornar-se recetivo à cultura do Graffiti. Algumas fontes apontam mesmo para o surgimento do nome Graffiti como forma de apelidar esta pintura mural de rua, bem como de *writers* aos que a produziam, foi criada por membros da comunidade artística vinculada às galerias, nomeadamente críticos de arte, galeristas e *marchands d'art*.

No início dos anos 80, o número de *writers* diminuiu devido a alguns fatores. O comércio de drogas como a cocaína, levou-os a usar armas de fogo aumentando a tensão nas ruas, novas leis governamentais restringiram a venda de tinta a menores de idade, a tinta spray teve de ser fechada dentro de grades nas superfícies comerciais com o objetivo de diminuir os furtos e o governo começou a penalizar os *writers* por graffiti ilegais em locais públicos, nomeadamente em carruagens de metro e comboio, sendo que, por estes motivos, em meados dos anos 80, estes artistas começaram a sair do país influenciando artistas de outros continentes como a América do Sul e Europa.

Na Europa do início dos anos 80, jovens artistas de Amsterdão, Berlim, Paris e Londres começaram a criar os seus próprios ateliers em edifícios e fábricas abandonadas, à luz do que se passava nos Estados Unidos da América. Tinham como objetivo usar o espaço para criarem livremente. Nesses espaços culturais de produção artística, juntaram-se músicos que originaram novas bandas, grupos de artistas plásticos, mímicos, atores, artesãos e *writers*.

Deste modo, estava dado o mote para a profusão desta arte, enriquecida por diferentes culturas e estilos artísticos, originando *crews* (grupos de *writers*) por todo o mundo, que fizeram valer a sua arte pelas técnicas ousadas e únicas e por estéticas não convencionais e próprias desta pintura mural.

2.2 Da técnica à estética

Tecnicamente a arte do graffiti tem evoluído a par da tecnologia, as latas, os *caps*, a qualidade das tintas, as cores e os diferentes *gadgets* que lhe estão associados, fazem aumentar as competências de quem começou com rudimentares latas de tinta de barco e trinchas ou sprays de automóvel. Rui Sacadura, designer de profissão, no documentário “DIVE INTO THE COLOURS GRAFFITI & STREET ART DOC PORTUGAL” confessa noutros tempos ter pintado também ele nas paredes da rua e usava os restos de tinta azul com que se preparavam os barcos da Lisnave, tinta essa que afirma terem acesso de graça.

Nos anos 60, o Graffiti começou por ser apenas letras traçadas numa única linha cujo tema seriam apenas os *nicknames* de quem as pintava. Com o objetivo de destacarem os seus *tags*, os *writers* começariam então a colocar algumas maiúsculas e jogavam com a inclinação do *lettering*. Apareceram depois as primeiras letras “*Softie*”, estilo mais comumente conhecido como “Bubble”. Este estilo tornou-se o mais usado na vertente *Bombing* do Graffiti. Seguidamente na superação do mesmo, apareceu a aplicação de alguns desenhos como setas e ondulações no traço, tornando-se na base para o aparecimento do “*Wild Style Lettering*”. Seguiram-se as ilustrações com referências a BD e paisagens, as camadas de tinta começaram a sobrepor-se e os *writers* aumentaram a sua paleta de cores.

Esta estética associada hoje ao estilo *Old School* superou-se em cores, formas e técnicas por artistas de todo o mundo e por isso, é possível fazer um apanhado de traços e técnicas comuns entre *crews* e *writers*, definindo alguns estilos e estéticas diferenciadas dentro do que se considera hoje de Graffiti.

2.2.1. Diferentes estilos, diferentes estéticas

Ao longo dos anos o graffiti tem-se apropriado de diferentes estilos e estéticas, influenciado pelas culturas que o adotaram e pela expressão artística de cada artista que fez desta, a sua arte. Embora não tenha sido categorizado como outras técnicas e estéticas, movimentos e estilos artísticos associadas às belas artes, é possível agrupar e categorizar através de semelhanças técnicas e estéticas, praticadas pelos *writers*, diferentes correntes dentro da arte do graffiti. Deste modo, por associação livre de estéticas e técnicas, foram identificados alguns grupos que defino como estilos dentro do graffiti, com uma igual nomeação livre tendo como fundamento a referência a diversos autores e obras com base na investigação realizada sobre o tema.

Todas as descrições que se seguem são referentes às pinturas de graffiti e não a correntes ou estilos anteriormente estudados em belas artes e funcionam como uma identificação do estado da arte, não como objeto de estudo em si.

Muitos destas novas nomenclaturas usadas para definir e agrupar trabalhos artísticos de graffiti foram retirados da gíria dos *writers*. Durante a investigação desta área artística foi possível chegar ao contacto com alguns artistas sendo possível o levantamento de expressões usadas nesta comunidade. Este levantamento levou-me a adotar alguns desses termos como o “grafismo”. Esta expressão entre *writers* refere-se ao uso de formas geométricas acentuadas na pintura e não é como referência a uma técnica.

Para compreendermos o emprego destas palavras noutro contexto que não no das belas artes, teremos de analisa-las à luz da história do graffiti e analisar o contexto social, cultural e educacional dos artistas que fazem uso das mesmas. Embora atualmente muitos *writers* venham de um contexto de formação académica em artes plásticas, esta é uma arte de origem na rua, com origens em bairros sociais pobres onde a grande maioria dos praticantes da mesma tem acesso a uma educação escolar básica no que se refere ao contexto de pintura de graffiti em Portugal. Esta análise varia de país para país, tanto a nível educacional dos percursos desta arte como na questão das nomenclaturas adotadas visto só ter chegado à fala com artistas nacionais.

2.2.1.1 Realismo

O realismo é uma vertente do Graffiti que obedece a um certo academismo na estruturação e modelação do desenho. É geralmente realizado primeiramente em projeto através de desenhos realizados em *sketchbook*, por vezes recorrendo ao desenho digital ou mesmo a fotografias.

É trabalhado com diversas técnicas e materiais como a tinta de rolo, *spray* ou marcador. São trabalhos geralmente pintados em *Hall of Fames*, morosos e muitas vezes realizados em *crew* quando se tratam de grandes fachadas. É um estilo hoje em dia muito apreciado pelo tecido social, pelo fácil reconhecimento de uma peça de pintura mimética, onde rapidamente é reconhecida qualidade na técnica da pintura. Quando trabalhado, por forma a recriar composições usando a orgânica da própria superfície, e sendo trabalhado com outras técnicas como a ilustração, pode resultar em obras de arte únicas, de grande valor artístico.

Prova disso é a *crew* Maclaim. A sua história tem início em 1999, quando Akut, Caso e Rusk iniciaram projetos comuns. Ao início, o trio reuniu-se principalmente em Weimar na Alemanha e foi Rusk que introduziu na *crew* um quarto elemento Tasso. Foi fácil desenvolverem trabalho comum pois complementavam-se dentro de uma mesma técnica que todos tinham já experimentado, a pulverização foto-realista. Em janeiro de 2001, foi Tasso que deu nome a esta *crew*.



Fig. 7 - Tasso, Maclaim crew, Fábrica do braço de prata, Lisboa, Portugal. Autor: Paulo Rocha



Fig. 8 - Tasso, Maclaim. Autor e local desconhecidos

2.2.1.2 Ilustração

A ilustração é um estilo muito abrangente e individualista. Embora a palavra ilustração também sirva para categorizar imagens como a fotografia, “ilustração” foi a nomenclatura escolhida para agrupar um conjunto de técnicas e estéticas vinculadas ao desenho e à pintura expressivas que vivem com uma linguagem própria pelas mãos de cada artista, tendo cada um deles um traçado e abordagem temática característicos.

Dependendo do percurso artístico de cada artista, das suas influências académicas, sociais e culturais, este estilo que tal como o realismo, é abrangente no uso de técnicas e matérias, revela-se perfeito para fundir com todos os outros estilos aqui apresentados tal como se torna adaptável a qualquer superfície. Assim aconteceu com os *writers* Hera e Akut formando a *crew* Herakut. Os seus caminhos cruzaram-se e os seus estilos tão díspares fundiram-se em algo novo e único. Nesta vertente do graffiti surgem nomes como Etam *crew*, Mário Belém, Cheko, Os Gémeos, entre muitos outros. A escolha da referência a estes autores e *crews* tem a ver com variedade e diferenciação de estilos, qualidade artística e diversidade de nacionalidades que são fatores chave para se abarcar o alargado espectro desta estética.



Fig. 9 - Herakut. Autor e local desconhecidos



Fig. 10 - Pintura de Mário Belém. Djerba, Tunísia, autor: Lara Seixo Rodrigues



Fig. 11 - Pintura de Etam crew. Autor e local desconhecidos

2.2.1.3 Grafismo

O Grafismo como explicado no texto introdutório deste capítulo é um exemplo de terminologia adaptada da gíria dos *writers* para a categorização de um estilo aqui definido de forma empírica. É um estilo que se encontra na construção e desconstrução de formas geométricas, linhas e cores, criando sensações várias de movimento, padrão, explosão, etc. Esta nomenclatura surge por isso associada às formas resultantes na pintura e não como referência a uma técnica. É um estilo muito ligado à pintura ilegal por ser de execução rápida através de moldes, colagem de fita-cola ou outras técnicas que permitam aos artistas terem mais desenvoltura na sua execução embora já tenha alguma expressão em Hall of Fames. Tal como a ilustração, o Grafismo conjuga-se bem com outras técnicas e geralmente podemos encontra-lo em consonância com *lettrings*, trabalhos em *stencil* ou até mesmo fundido com ilustrações. Existem ramificações estéticas dentro do grafismo e a que tem ganho cada vez mais expressão é o Graffuturism com uma clara influência da corrente Futurista.



Fig. 12 - Rubin's Cube – Version 2.0, realizado por Rubin415, *Gallery Nine5* New York, 2014. Autor: Rubin 41



Fig. 13 - Pintura realizada por SKRAN para o concurso de Graffiti de Almada, 2013 Autor: SKRAN

2.2.1.4 Anamorfoses

As anamorfoses são imagens desenhadas em suportes geralmente de grandes dimensões como partes de arquiteturas (paredes, portas, vigas, etc,) por se tornarem mais impactantes embora possam ser igualmente exploradas em pequena escala. Estas imagens que se apresentam inicialmente deformadas aos olhos do observador ganham forma e significado a partir de um ponto de vista específico e rígido. As anamorfoses adquirem assim sentido, seja perspetivo, seja tridimensional seja real pela deslocalização do observador para o ponto específico de observação, podendo desta forma ter a observação total e com significado da obra.

Esta técnica foi adaptada às técnicas de pintura de graffiti por vários autores. É um estilo de pintura realizado essencialmente com latas de *spray* ou tinta de rolo em grandes superfícies de parede e que cria uma forma ilusória de volume e terceira dimensão, colocando por ilusão ótica o grafite fora da parede. Esta técnica, por funcionar melhor sobre um ângulo de visão específico, é talvez a melhor técnica para trabalhar a par da fotografia. A bidimensionalidade fotográfica permite-nos de imediato criar essa ilusão de tridimensionalidade enriquecendo, desta forma, a peça artística. As referências de *writers* nesta área não são tão abrangentes como noutras, no entanto, artistas como Daim ou Odeith são já uma referência das anamorfoses.



Fig. 14 - Money cant buy freedom por Odeith, 215. Autor e local desconhecidos

2.2.1.5 Stencil

Falar de *stencil* é falar de Banksy. Este *writer* inglês trouxe ao Graffiti um novo significado, colocou-o num patamar de prestígio artístico idêntico à arte de galeria. Todo o misticismo que criou à volta da personagem Banksy, atraiu a atenção de curiosos para as pinturas murais que se começaram a ver em Londres. Banksy quis mostrar que tinha uma voz política, ecológica e racial que faria com que muitos se identificassem com a sua obra. Age geralmente pelo fator surpresa obrigando quem passa pelas suas obras a olhar e vê-las com atenção. Considera por isso que as paredes da cidade são ainda a melhor forma de se mostrar trabalho artístico.

“Eles dizem que o graffiti assusta as pessoas e é um símbolo do declínio da sociedade, mas graffiti só é perigoso na mente de três tipos de pessoas; políticos, publicitários e *writers*.” (Banksy, 2006, p.8) (tradução livre da autora)

Este estilo é no fundo uma técnica de corte de papel, cartão ou vinil que simplifica formas e traduz em molde imagens como símbolos, ilustrações ou fotografias, pintada com a técnica do *spray*. É uma pintura que pode ser usada de forma rápida na rua, embora também seja usada como uma técnica foto realista quando é feita a aplicação de vários *layers* para a modelação volumétrica da forma.



Fig. 15- Pintura de Banksy, Autor e local desconhecidos



Fig. 16 - Pintura de Banksy, Autor e local desconhecidos

2.2.1.6 Colagens de pôsteres e *stickers*

Estas duas técnicas são amplamente conhecidas no meio do Graffiti embora passem de forma mais discreta aos olhos dos transeuntes. Os chamados *stickers* são pequenos autocolantes impressos, ilustrados por *writers*, que permitem uma intervenção de rua, rápida, impregnando a cidade de forma eficaz com o seu nome e o seu trabalho. Os pôsteres são trabalhos mais elaborados e cuidados. Podem ser usadas para a sua realização a pintura sobre papel, o *stencil* ou mesmo a impressão. Estas técnicas resultam em trabalhos muito distintos, alguns assemelhando-se a telas pintadas e expostas na rua e outros confundindo-se mesmo com cartazes publicitários. A aplicação destes cartazes é feita geralmente com cola ou por vezes em misturas caseiras de farinha e água. O cartaz, dentro da chamada arte efêmera, é talvez o que tenha um menor tempo de durabilidade por ter uma base em papel pouco resistente à intempérie.



Fig. 17- *Sticker* de Obey. Autor desconhecido



Fig. 18 - Poster de Swoon. Autor e local desconhecidos

2.2.1.7 Experimentalismo

O experimentalismo não se pode considerar um estilo mas um conjunto de experiências, técnicas e estéticas que envolvem geralmente materiais fora do comum. Nesta área que está no limiar do Graffiti transpondo a barreira já para a arte urbana, tem a si associado um dos grandes mestres da arte urbana da atualidade, Vhils. Este *writer*, que iniciou a sua carreira pintando paredes públicas nas ruas do Seixal e de Almada, transpôs a lógica da pintura para a experiência de novos materiais. A tinta diluída com lixívia em telas e nas paredes, começou a ganhar volume, e as superfícies deixaram de ser planos para resultarem em instalações. Mas de todos os materiais usados, Vhils surpreendeu com a técnica de picar e explodir paredes. Uma vez picadas, sobre uma imagem projetada em stencil, Vhils deixa o branco da tinta espelhar a luminosidade da pele no desenho de caras e usa o interior da parede, como tijolo e cimento, entre outros materiais, para as zonas de sombra do rosto, dando-lhes expressividade e volumetria.

Existem outras técnicas usadas nesta vertente experimental, igualmente interessantes e atuais, como o recorte de camadas de cartazes sobrepostos, deixando a descoberto as camadas de baixo do papel (técnica também usada por Vhils) ou mesmo, o fabrico de uma eco tinta de musgo, que permite criar e fazer crescer um jardim desenhado a musgo numa parede vertical.

Nesta área experimentalista, os suportes também são variáveis, e encontramos por isso o metal, a madeira e o esferovite, materiais apetecíveis de serem trabalhados e usados também ao serviço da arte urbana.



Fig. 19 - Viva la Revolución group show, Vhils. San Diego, USA. Autor desconhecido



Fig. 20 - Viva la Revolución group show, Vhils. San Diego, USA. Autor desconhecido

2.2.1.8 *Lettrings: Tag, Bombing, Throw-up*

O *lettring* é o pai do Graffiti. Desde o seu início que o Graffiti conheceu nos *lettrings* a sua primeira forma de expressão através do chamado *Tag* ou assinatura bem como através dos *Bombings* e *Trow-ups* em paredes e comboios. Os *trow-ups* seguiram-se aos *tags* num trabalho de letra estilo “bolha”, geralmente pintado a duas cores, um de fundo e outro em *outline* que culminou nos primeiros *Bombings*, pinturas rápidas, e igualmente ilegais como as anteriores, onde é usada uma maior paleta cromática, e onde muitas vezes são desenhados elementos caricaturais, ou vinculados à banda desenhada, que completam este género de pintura. Deste modo, os estilos que começaram por ser simples traçados a uma só cor foram ganhando forma e expressão com o correr do tempo. A massa de *writers* ativos engrossou, e a necessidade de afirmação fê-los arriscar, experimentando novos estilos no desenho da letra. Hoje, desde o primeiro estilo *Bubble* (bolha) ainda usado em *bombings*, até ao complexo 3D, o *lettring* é uma constante nesta arte. A estética que lhe está associada, muito própria deste tipo de pintura, continua a ser uma referência para o Graffiti mundial e muitos *writers*, que continuam a pintar ilegalmente na rua, acreditam mesmo que, Graffiti são letras, a restante expressão em paredes e muros é *street art*.



Fig. 21- Pintura de Reis crew, Lisboa. Autor desconhecido

2.3. O graffiti e sua recepção na sociedade contemporânea

2.3.1. Legal ou ilegal

Para muitos *writers*, graffiti é e tem de ser ilegal. Mas legal ou ilegal, se pintar em carruagens de comboio ou casas particulares passasse a ser legal, muitos iriam continuar a pintar, iriam procurar reconhecimento e nesse reconhecimento, através da sua arte, encontrar a adrenalina na superação de si próprio. No entanto, ainda há quem pinte ilegalmente apenas para obter essa adrenalina. Babak, *writer* entrevistado para o documentário *Dive into the colours graffiti & street art doc Portugal* refere a adrenalina como um estado de espírito associada à adolescência. A primeira vez que um adolescente faz um Graffiti ilegal, na opinião deste *writer*, tem uma sensação idêntica à primeira vez que ingeriu álcool ou perdeu a virgindade. Uma sensação única, muitas vezes sentida nessa fase da vida por se quebrarem muitas barreiras impostas pelos pais ou pela sociedade, uma fase de descoberta. Existe uma constante procura dessa adrenalina, para se sentir o que se sentiu na primeira vez, neste caso, a procura do que se sentiu na primeira vez que se fez uma pintura ilegal, mas essa sensação não voltará, diz-nos Babak. Por isso, este acredita que no amadurecimento dos que pintam vem a vontade de se aperfeiçoarem, de abrandar a impulsividade, lidar com a paixão da pintura e transforma-la em algo sério, estruturado e projetado. No entanto, também há muitos *writes* que gostam de pintar em paredes legais, com calma, em convívio com os amigos, ter atenção aos pormenores e fazer desenhos mais cuidados.

Nos anos 70 e início dos anos 80, em Nova Iorque, essa calma e a criação de projetos era mais comum. Na época, não existiam leis que punissem estas manifestações criativas. No entanto, já havia locais controlados pela polícia, como as estações e apeadeiros de comboios, mas nos anos 80, quando esta prática começou a ser punida, cada missão de pintura tinha cada vez mais risco e demonstrava coragem, engenho e ousadia da parte de quem o fazia. À época, os bairros Nova Iorquinos viviam a rivalidade entre eles, impulsionada pelos habitantes pobres, muitos de outras culturas e raças, mostrando, durante a sua fase de adolescência e início de fase adulta, quem tinha o nome mais sonante de Nova Iorque. Estas questões estavam ligadas exclusivamente a grupos de adolescentes rapazes, que pretendiam demarcar um espaço, impressionar o género oposto e mostrar a imponente do seu físico. Mas brigas de rua que resultavam da afirmação em relação a estas questões, foram transmutadas em três vertentes da expressão artística, o RAP, o Breakdance e o Graffiti chamando-se a essa cultura de Hip-Hop. Iniciaram-se as chamadas “*battles*” de palavras, em improviso, que começaram a ter

alguns *beats* como pano de fundo, e todos os adolescentes do grupo, juntos em roda, mostravam as suas capacidades físicas ao som desta musicalidade de *beats* e palavras, dando origem ao *Breakdance*. O Graffiti surge então como forma de provocação entre bairros. O comboio que atravessava Nova Iorque e consequentemente os diferentes bairros permitia que, estes grupos, em graffiti chamados de *crews*, mostrassem a sua força e marcassem a sua presença nos bairros vizinhos através da escrita dos seus *nicknames* em carruagens de comboios.

2.3.2. Estado da arte

Atualmente, o acesso à informação, aos novos estilos, influências e técnicas, bem como a perfusão do trabalho dos *writers* pelos meios de comunicação atuais, é mais rápida e por isso existe também uma maior velocidade de introdução desta arte em mais cidades do mundo, chega a mais pessoas e entranha-se mais facilmente no tecido social. Hoje, o graffiti faz parte de todos nós e muito se deve à fotógrafa Martha Cooper que ajudou na sua perfusão, a nível mundial, desde o início da história do Graffiti, em meados dos anos 70 bem como à sua perpetuação.



Fig. 22 - Dondi a pintar Carruagem. Autor: Martha Cooper

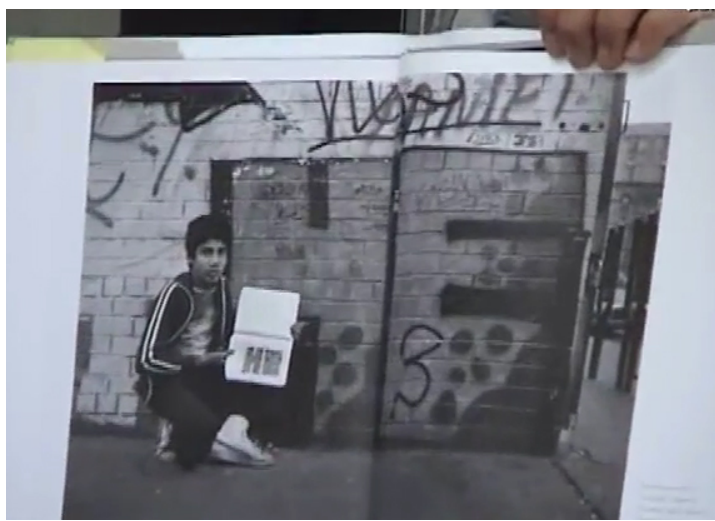


Fig. 23 - Martha Cooper mostra uma fotografia de sua autoria e editada no livro “Subway Art” que revolucionou a fez interessar-se pela temático do Graffiti. Autor: Martha Cooper

Martha Cooper, já faz parte da história do graffiti por ela própria ter documentado muita dessa história através das suas fotografias, posteriormente editadas em livros. Sobre o livro “Subway Art”, Martha Cooper refere num documentário elaborado sobre o mesmo, apenas que, ela e o coautor Henry Chalfant quiseram publicar um pequeno livro de graffiti por pensaram que era uma arte que iria desaparecer.

Esta fotojornalista, ganhou um diploma de arte aos 19 anos pelo Grinnell College, e fez trabalho de voluntariado junto de uma comunidade na Tailândia lecionando Inglês e com isso recebendo também um diploma de antropologia em Oxford.

Ficou reconhecida como fotojornalista do espaço urbano de Nova Iorque durante os anos 70 e 80 quando trabalhava no *New York Post*. Martha Cooper começou a tirar fotografias a crianças que brincavam nos bairros em Nova Iorque e num desses dias, de fotografia de campo, conheceu um jovem chamado Edwin (Fig.23). Este jovem mostrou-lhe o seu caderno onde desenhava os seus *lettrings* e explicou-lhe que por de trás de cada pintura existe um projeto. Martha, que considerava toda aquela poluição de nomes pintados nas paredes, de vandalismo, começou a olha-las com outros olhos. Com aquele rapaz, percebeu que arte do graffiti obedecia a regras, à realização de projetos e era também, como as Belas Artes, alvo de crítica. Edwin perguntou-lhe se ela gostaria de conhecer os chamados “Kings” do graffiti, uma *crew* de Nova Iorque e Martha aceitou. Edwin apresentou-a então a Dondi, *writer* considerado o “King” do Graffiti em Nova Iorque. Quando Martha se reuniu com Dondi, este concordou que ela o acompanhasse nas suas missões de pintura urbana e ambos perceberam que, o Graffiti e a Fotografia completavam-se devido à perpetuação das peças pintadas de cariz efêmero.

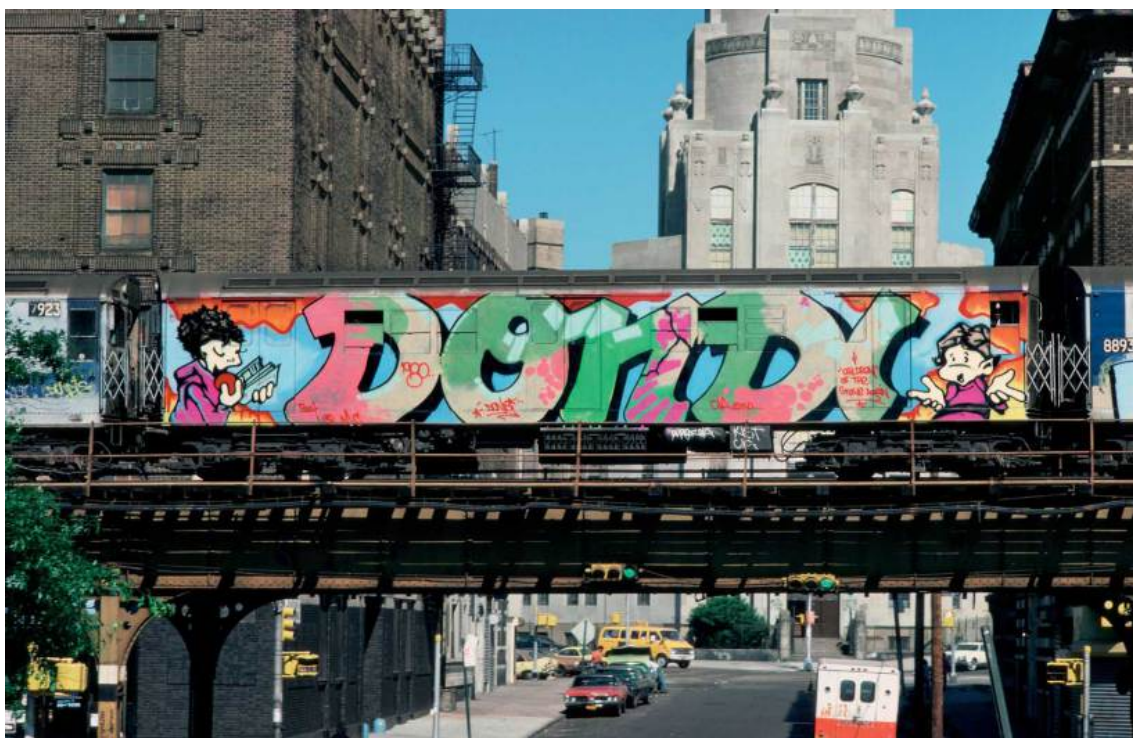


Fig. 24 - Graffiti de Dondi numa carruagem de comboio em Nova Iorque. 1980 Autor: Martha Cooper

Se há por isso nomes sonantes na área, nomeadamente os dos próprios *writers*, o de Martha Cooper andarà a par e passo com todos eles. Esta fotojornalista americana, nascida na década de 1940 em Baltimore, Maryland, tornou-se reconhecida a nível internacional, por oferecer mediatismo documental às pinturas murais, durante as décadas de 1970 e 1980. Hoje em dia, Martha Cooper continua a engrandecer a sua obra, documentando a efemeridade desta arte através do que se faz em graffiti por todo o mundo e contribuindo desta forma para a história de uma arte que ainda está por escrever.

No entanto, após todo o reconhecimento que já foi feito a este género artístico alternativo, aceite e aclamado por populações, autarquias e até pelo mundo académico, registos como os *tags* foram e ainda são vistos como vandalismo, aos olhos de uma atualidade que não encontra já nesses registos a necessidade de afirmação exigida outrora. É por isso necessário contextualizar qual a sua origem e a necessidade de expressão que lhes era implícita, para percebermos que este mundo de subcultura com forte ascensão mundial desenvolver-se-ia paralelamente a outras correntes artísticas, identificadas e estudadas, repletas de pintores e performers tão importantes para a história da arte como os *writers*. Ambos os mundos artísticos chegaram, no entanto, a tocar-se e misturar-se com a ousadia de dois artistas. Um proveniente da pintura de rua, sem formação artística, Michel Basquiat a.k.a. (*as known as* – conhecido como) SAMO (1960-1988) que começou a desenhar desde muito cedo por incentivo de sua mãe e Kieth Haring (1958-1990), artista formado nas academias de Belas Artes, que descobriu o mundo alternativo da arte de rua (Fig. 25).

Foi o primeiro encontro da união entre duas linguagens tão distantes e que se tornaram tão próximas. No entanto, esta excessão não se tornou regra. Durante muitos anos o graffiti seguiu o seu percurso como reflexo de um género de *movimento underground* inicialmente nos estados unidos e passando para o resto do mundo com a mesma conotação de arte ligada à cultura do hip-hop e dos bairros sociais.

Só mais recentemente este género artístico tornou-se *Mainstream*.

Nos anos 90 do século XX os artistas foram crescendo e alguns *writers* começaram a ser reconhecidos como tal por terem ingressado em bandas de música mundialmente conhecidas como o caso de Robert Del Naja dos Massive Attack ou porque tiveram os seus trabalhos expostos em galerias de arte o que deu início à entrada destes artistas nos mercados de arte. Esta visibilidade deu-lhes oportunidade de elaborar pinturas mais complexas, desenvolver o mercado de material de pintura levando ao crescimento

de todo um mercado tanto para quem fornece os pintores como de pintores para as exigências comerciais.

No início de 2000, o efeito Banksy, um artista de stencil sediado em Bristol, Inglaterra, criou em torno de si uma onda de publicidade nos mídia de tal ordem que a arte de rua mediatizou-se e assumiu-se no mercado da arte como objeto artístico verosímil, começando, deste modo, a ser olhada pelos artistas como um modo de ganhar dinheiro.

Hoje ainda não se sabe qual será a evolução da arte de rua mas existe uma certeza, que conquistou a paridade ao lado das restantes artes no que concerne ao reconhecimento artístico e de forma autónoma.



Fig. 25 - Basquiat e Keith Haring. Autor e local desconhecidos



Fig. 26 - *Tutoomondo*. De Keith Haring. Autor e local desconhecidos

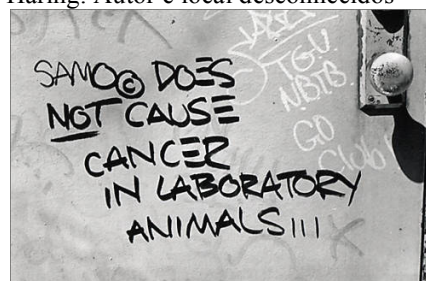


Fig. 27 - Frase pintada por Basquiat a.k.a. SAMO numa parede de Nova Iorque. Autor desconhecido

II. PROJETO DE ESTÁGIO

1. ENQUADRAMENTO ESCOLAR

1.1 A Escola



Fig. 28 - Antigo logotipo da Escola Secundária Emídio Navarro, Almada



Fig. 29 - Atual logotipo da Escola Secundária Emídio Navarro, Almada



Fig. 30 - Pavilhão ginnodesportivo da Escola Secundária Emídio Navarro, Almada. Autor desconhecido

A presente apresentação tem como intuito apresentar a escola cooperante, Escola Secundária Emídio Navarro em Almada onde foi realizada prática de ensino supervisionada.

A escola em questão, embora não fizesse parte do leque de escolas cooperantes pré-estabelecido com a Faculdade de Belas Artes, foi proposta por mim, por conhece-la desde criança e dela obter as melhores referências quanto ao corpo docente, às atividades e iniciativas por ela dinamizadas, pela motivação que os alunos que a frequentaram ou frequentam demonstravam nas suas aprendizagens e também pela qualidade das suas instalações. Para mim foi um motivo de satisfação esta proposta ser aceite e poder integrar o círculo da comunidade educativa como professora estagiária. Fiz a escolha da turma que acompanhei com base na disciplina a que queria assistir, Desenho A, conjugando com a disponibilidade da minha professora cooperante que vim a conhecer.

1.1.1 Contexto Histórico

A Escola Secundária Emídio Navarro caracteriza-se por ser um dos primeiros polos do ensino oficial secundário no concelho de Almada, cujo crescimento acompanhou a evolução demográfica vertiginosa nas décadas de cinquenta (1950 - 61.572 habitantes), sessenta (1960-70.978), e setenta (1970-108.150).

A primeira Escola Industrial e Comercial de Almada foi criada em 1955, em instalações da rua D. João de Portugal, tendo-se transformado, em 1958, na Escola Industrial e Comercial Emídio Navarro.

Esta escola, devido ao aumento de matrículas, fez nascer a Escola Técnica Elementar D. António da Costa onde passou a funcionar o Ciclo Preparatório do Ensino Técnico. A Escola Industrial e Comercial de Emídio Navarro ocupou as suas atuais instalações, na rua Luís Queirós em 1960, e a escola preparatória também, nos Caranguejais em 1969.

Em 1971, em plena reforma de Veiga Simão, a Escola Industrial e Comercial Emídio Navarro é de novo desdobrada, dando lugar a uma escola de vocação comercial, a Escola Técnica Comercial Anselmo de Andrade. Esta ocupou os pavilhões pré-fabricados na Praça São João Baptista durante alguns anos, tendo ampliado as suas instalações em 1980 com a criação, depois secção, na Praça Gil Vicente (atual Escola Secundária Cacilhas/Tejo). Em 1986 foi transferida para as atuais instalações na rua Ramiro Ferrão, no Pombal.

As áreas curriculares oferecidas por esta escola até finais dos anos 70 estiveram limitadas aos cursos relacionados com eletricidade/eletrotecnia (que sempre constituiu grupo dominante) e com mecânica/mecanotecnia. No entanto, devido à reestruturação do ensino secundário, iniciada em 1975/76 com a unificação dos cursos gerais, foram criadas novas áreas no ensino vocacional diurno: Quimicotecnica, Desporto, Construção Civil, Introdução às Artes Plásticas, Design e Arquitetura. No ensino noturno manteve-se a limitação às duas áreas tradicionais.

Atualmente funcionam na Escola Secundária de Emídio Navarro o 3º Ciclo do Ensino Básico em regime regular e com alguns Cursos de Educação e Formação de Jovens. No ensino Secundário funcionam turmas dos Cursos Científico-Humanísticos e Cursos Profissionais.

Todas as escolas referidas anteriormente continuam vinculadas aos mesmos espaços em variantes de escolas básicas e secundárias ficando assim referenciadas as principais escolas que integram a resposta educativa da cidade de Almada em conjunto com a Escola Secundária Fernão Mendes Pinto no Pragal.

1.1.2 O patrono Emídio Navarro



Fig. 31 - Patrono Emídio Navarro da Escola Secundária Emídio Navarro, Almada

A repetição acima do retrato de Emídio Navarro é uma analogia às suas diferentes facetas profissionais. Uma figura da história portuguesa que foi advogado, conselheiro de estado, ministro, deputado, jornalista e escritor.

Nasceu em Viseu, em 19 de Abril de 1844, mas cresceu em Lamego. Matriculou-se no Seminário local, mas acabou por desistir da vida eclesiástica, matriculando-se então em Matemática e Filosofia. Na academia onde estudava teve vários problemas com o governo, o que o fez mudar-se para a Faculdade de Direito, onde concluiu o curso em 1869.

Começou a viver em Bragança onde exerceu a sua profissão de advogado mas sem grande sucesso. Mudou-se para Lisboa, ingressando no Partido Progressista Histórico e, logo imediatamente, no corpo redatorial do jornal "*O País*". Também fundou, com António Enes, o jornal "*O Progresso*". Posteriormente fundou um dos principais órgãos políticos do país : "*O Correio da Noite*", onde evidenciou raras qualidades de combate e ação, atacando tudo e todos, no poder central. Seguiu a sua carreira de advogado e jornalista, mas nunca abandonou a política. Defendia o Partido Progressista com uma enorme dedicação. Após o falecimento de Anselmo Braancamp, aderiu à eleição do conselheiro José Luciano de Castro, e foi deputado de várias legislaturas. Foi nomeado Ministro das Obras Públicas (cargo que exerceu entre 1886 e 1889), onde desenvolveu a viação, alargou os serviços florestais e ampliou o ensino comercial, industrial e agrícola, tendo contribuído significativamente para o desenvolvimento do património português. Ao abandonar o cargo ministerial foi nomeado secretário do Tribunal de Contas e, depois, Ministro de Portugal, em Paris, em 1882. Ao regressar, dedicou-se exclusivamente ao jornalismo. Mais tarde retirou-se para o Luso com a família, devido a uma doença que o minara. Faleceu a 16 de Agosto de 1905. Foi uma grande figura portuguesa, jornalista

(participou em quase todos os jornais portugueses), advogado e político (desenvolvendo bastante a terra onde morreu, o Luso).

Foi mais tarde homenageado pela Escola Secundária Emídio Navarro, que o escolheu como seu patrono.

1.1.3 Localização

Morada: Avenida Rainha D. Leonor,
2809-009 Almada

A Escola Secundária Emídio Navarro situa-se no centro da cidade de Almada num contexto urbano perto de edifícios de habitação, serviços e transportes, ladeada pelo Parque Urbano Comandante Júlio Ferraz e pelo Fórum Municipal Romeu Correia onde se situa a Biblioteca Municipal de Almada.



Fig. 32 - Vista aérea da Escola Secundária Emídio Navarro, Almada. Autor desconhecido

1.1.4 Acessos

Transportes públicos:

- Carreiras da TST – Transportes Sul do Tejo:

104, 106, 150, 152, 176

1.1.5 Caracterização do agrupamento

O agrupamento de Escolas Emídio Navarro integra as seguintes escolas:

- Escola Secundária Emídio Navarro
- Escola Básica 2+3 D. António da Costa
- EB1/JI Cataventos da Paz
- EB1 Almada
- EB1/JI Almada 3
- EB1 Cova da Piedade 3
- EB1/JI Cova da Piedade

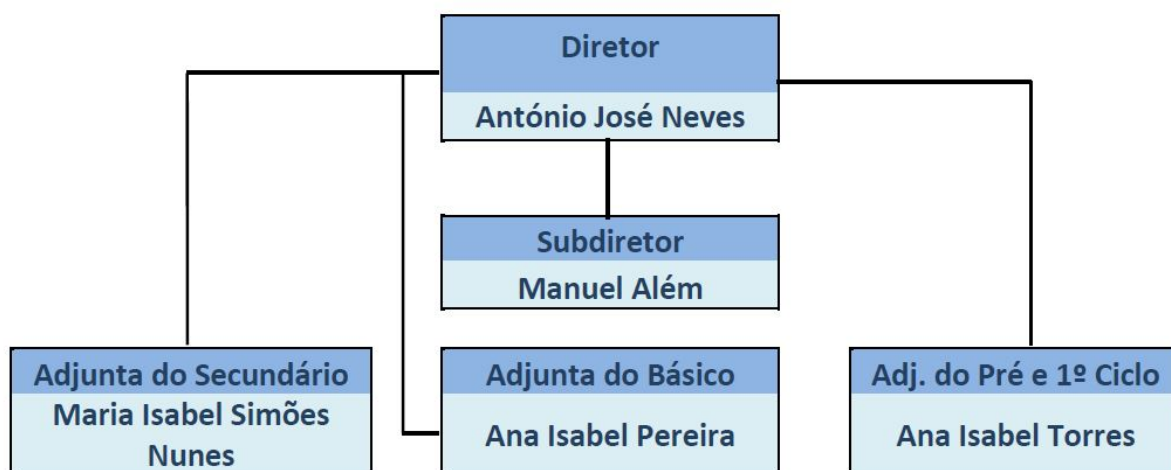
1.1.6 Órgãos

1.1.6.1 Órgãos de gestão

1.1.6.1.1 Direção

A Direção do Agrupamento de Escolas Emídio Navarro tomou posse em 17 de junho de 2014 e tem a seguinte composição:

Organograma da Direção



1.1.6.1.2 O conselho pedagógico da escola para 2013/2014

De acordo com o Artigo 32.º do Decreto-Lei 57/2008, de 22 de Abril e do ponto 5.3 do Regulamento Interno constitui-se pelo Presidente António José Neves; Coordenadora Departamento de Educação Pré-Escolar: Maria Glória Nabais; Coordenadores de Departamento Curricular: Ana Teque (1º Ciclo), Luis Maia (Português), Conceição Martins (Matemática), Isabel Brito Nunes (Línguas Estrangeiras), Ana Bela Figueiredo (Matemática e Ciências Experimentais), Carla Franco (Ciências Sociais e Humanas), Maria Isabel Nunes (Artes e Tecnologias), Pedro Azevedo (Expressões); Coordenador Departamento de Educação Especial: Amélia Neves; Coordenadoras dos Directores de Turma: Maria Pedro (2º Ciclo), Ana Mota (3º Ciclo), Virgínia Mousaco (DT Secundário); Coordenador do Ensino Profissional, Mário Pedroso; Coordenadora UNESCO e Projetos de Desenvolvimento, Rute Navas; Professora Bibliotecária: Sara Cacula; Departamento Apoios Educativos: Alice Sfiri; Professora Bibliotecária, Sara Cacula.

1.1.6.1.3 Conselho Geral Transitório

Composição do conselho geral transitório do Agrupamento de Escolas Emídio Navarro: Presidente: Mª Amélia Fernandes; Presidente da Comissão Administrativa Provisória: António Neves; Representantes do Pessoal Docente: Irene Sofia Pais, Ludgero Leote, Cristina Coutinho, António Sales, Rui Baltazar, Carla Vairinhos; Representantes do Pessoal Não Docente: Jacinto Marques, Fernandes Rodrigues; Representantes dos Pais e Encarregados de Educação: Fernanda Marques, Margarida Gil, Mª da Conceição Toscano, Ana Catarina Costa; Representantes dos Alunos: Ricardo Arsénio, Guilherme Martins; Representantes do Município: António Matos, Paula Sousa, João Renato Montalvo; Representantes da Comunidade Local (membros cooptados): Jorge Lampreia (FCT-UNL), Manuel João (Associação Cultural Mundo Espetáculo - ACME), Alcino Pascoal (Madan Parque).

1.1.6.2 Outros órgãos

A escola incorpora também a Associação de Pais e Encarregados de Educação e a Associação Antigos Alunos da ESEN.

1.1.7 Parcerias

Pertencendo este agrupamento de escolas ao centro UNESCO Ciência, Arte e Engenho, propõe-se a desenvolver diferentes projetos no âmbito de bibliotecas e centro de recursos on-line disponibilizando neste espaço virtual catálogos digitais de livros integrado na rede de bibliotecas escolares do Ministério da Educação e Ciência; o blog *Cruzamentos* para divulgar o ciclo de debates promovidos pelo Centro UNESCO Ciência, Arte e Engenho; um espaço de arquivos multimédia da UNESCO; o espaço Aprender +; um centro de recursos de apoio ao currículo com leituras para as Ciências e Tecnologias promovido pelo projeto Gulbenkian 2009/2010; Ler + (PNL) bem como alguns links com informações úteis sobre a Faculdade de Ciências e Tecnologias do Monte da Caparica e Rede de bibliotecas de Almada.

Esta escola também está vinculada à Universidade Sénior de Almada USALMA, sendo ali lecionadas algumas cadeiras destes cursos em horários tarde/noite. Os alunos seniores da universidade que ocupam também os espaços escolares dos alunos mais jovens da escola condicionam uma nova forma de interação intergeracional, criando assim um bom ambiente cooperativo e relacional de respeito e partilha.



Fig. 33 - Logotipo do Centro UNESCO Ciência, Arte e Engenho



Fig. 34 - Logotipo da Universidade Sénior de Almada

1.1.8 Projetos apoiados pela ESEN

- PLAY-WEB Project – internet segura
- L.I.V.E. - Video as an Educational Tool
- Desporto Escolar
- Microbot - robótica
- Verantwortungsbewusster Konsum / Consumir com consciência
- Moodle

1.1.9 Projeto Educativo 2010-2013

Este documento (conf. Anexo II) segue em anexo deste relatório pautando-se pela contextualização e posicionamento desta escola na cidade de Almada bem como pela caracterização da mesma.

Aqui são destacados alguns tópicos de caracterização de espaços e comunidade educativa sendo estes: a composição da comunidade educativa, a oferta formativa e a listagem de serviços.

Os projetos aqui apresentados foram disponibilizados pela direção anterior ainda não tendo sido disponibilizadas as atualizações destes documentos pela atual direção.

1.1.10 Composição da comunidade educativa

- a) Alunos – a Escola, com os atuais currículos, tem capacidade máxima para cerca de novecentos alunos no ensino diurno e quinhentos alunos no ensino noturno.
- b) Pessoal docente – a Escola precisa, em média, de cerca de cento e cinquenta professores, dos quais cerca de 80% são do seu quadro de nomeação definitiva.
- c) Pessoal não docente – Um total de quarenta funcionários, aproximadamente, distribuídos pelas categorias de Técnico Superior, Assistente Técnico e Assistente Operacional.
- d) Pais/Encarregados de Educação (Pais/E.Ed).

1.1.11 Oferta formativa

- Terceiro ciclo do ensino básico,
regime diurno e noturno
- Cursos Científico-Humanísticos:
Ciências e Tecnologias (área predominante)
Artes Visuais
Ciências Sociais e Humanas
- Cursos Profissionais:
Eletrónica
Mecânica.
- Ofertas de segunda oportunidade:
Cursos de Educação e Formação (CEF)
Cursos de Educação e Formação de Adultos (EFA).

1.1.12 Serviços

- Refeitório
- Educação Especial
- Serviço de Psicologia e Orientação
- Secretaria
- Papelaria e reprografia
- Bar alunos

1.1.13 Classe socioeconómica predominante

Devido à sua localização e prestígio, a Escola Secundária Emídio Navarro, em tempos frequentada por alunos de classe média, nos últimos anos, devido à integração de cursos profissionais e devido às alterações sociais provocadas pelo desemprego dos encarregados de educação destes jovens, assistiu a um desgaste destas classes sociais. Assim, a frequência atual de alunos é de classe media e média – baixa.

1.1.14 Instalações

1.1.14.1 Remodelação pela Parque Escolar

A Escola Secundária de Emídio Navarro, abrangida pela 2.^a fase do programa de Modernização das Escolas do Ensino Secundário, teve o projeto de requalificação executado pelo arquiteto José Laranjeira. As novas instalações foram inauguradas a 5 de Outubro de 2010, no âmbito da iniciativa “100 escolas para 100 anos da República”. O investimento da Parque Escolar foi na ordem dos 10 milhões de euros, e a obra durou cerca de três anos.

Com esta obra o edifício construído nos anos 50 foi profundamente reorganizado do ponto de vista construtivo e funcional. Procedeu-se ainda à construção de um novo edifício e os espaços exteriores foram redesenhados.

Esta obra esteve a cargo do atelier *Oficina Ideias em Linha* – Arquitetura e Design, do arquiteto José Laranjeira que foi o responsável pelo projeto.

1.1.14.2 Caracterização dos diferentes espaços da escola

- Existem 43 salas de aula;
- Capacidade para 885 alunos;
- Laboratórios, oficinas, auditório, biblioteca, ginásios, campo de jogos coberto, bar e refeitório, espaços para convívio e trabalho para professores e alunos.

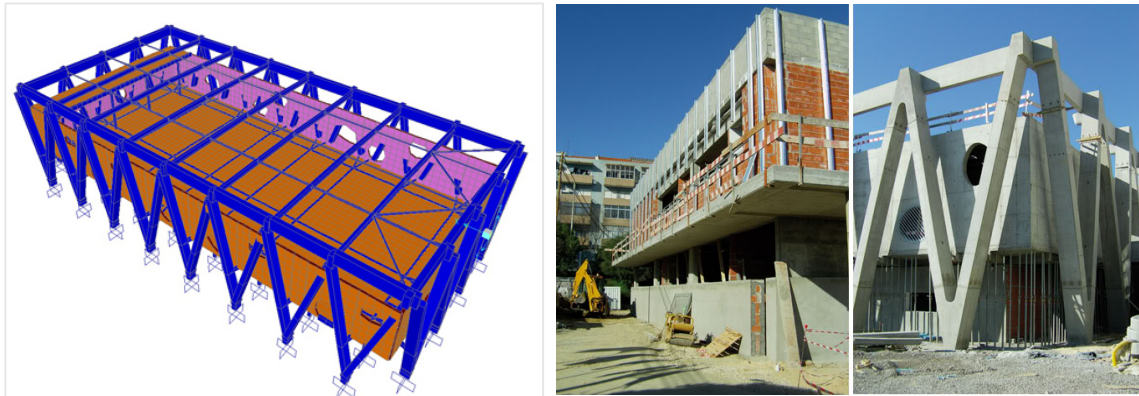


Fig. 35 - Projeto de reconstrução do pavilhão gimnodesportivo. Autor desconhecido



Fig. 36 - Vista exterior da escola.
Autor desconhecido



Fig. 37 - Corredor interior do edifício antigo. Autor desconhecido



Fig. 38 - Escadas interiores de edifício antigo. Autor desconhecido



Fig. 39 - Pátio exterior.
Autor desconhecido



Fig. 40 - Exterior do pavilhão gimnodesportivo. Autor desconhecido



Fig. 41 - Alpendre.
Autor desconhecido



Fig. 42 - Entrada do bar.
Autor desconhecido

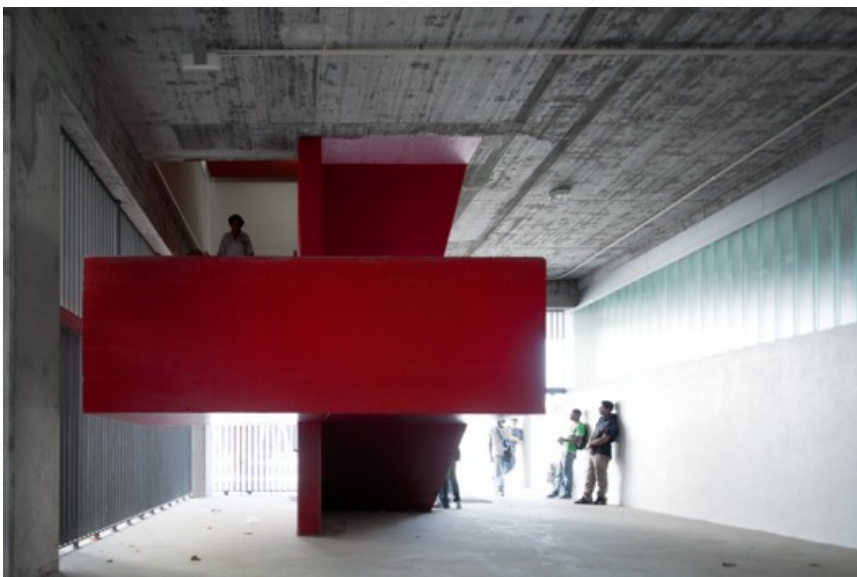


Fig. 43 - espaço exterior.
Autor desconhecido



Fig. 44 - Interior do bar.
Autor desconhecido



Fig. 45 - Exterior do bar_1.
Autor desconhecido



Fig. 46 - Exterior do bar_1.
Autor desconhecido



Fig. 47 - Campo desportivo.
Autor desconhecido

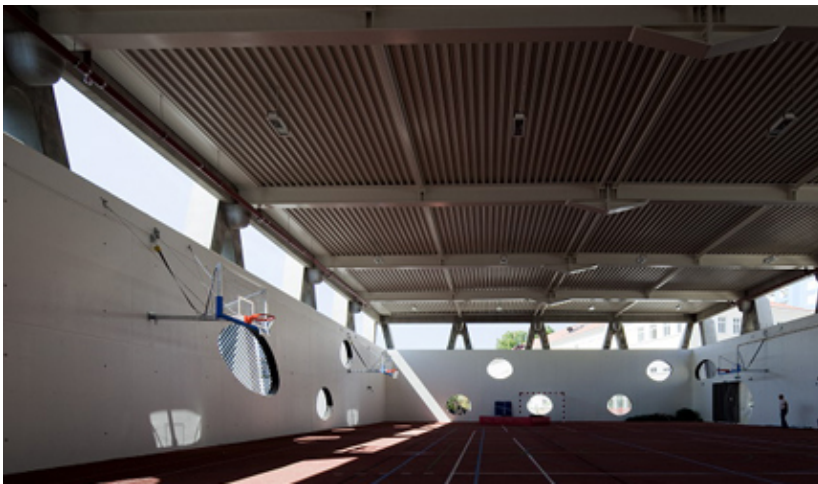


Fig. 48 - Pavilhão
gimnodesportivo interior.
Autor desconhecido



Fig. 49 - Laboratório de
ciências. Autor



Fig. 50 - Laboratório de fotografia.
Fonte própria



Fig. 51 - Sala de aula de desenho.
Fonte própria



Fig. 52 - Arrecadação de desenho.
Fonte própria



Fig. 53 - Bancada húmida de desenho. Fonte própria



Fig. 54 - Sala de aula. Fonte própria

1.1.15 Caracterização das salas

As salas de aula de Artes nomeadamente as de desenho, geometria descritiva e oficina de artes, são semelhantes a todas as outras salas de aula do edifício que se caracterizam por ter mesas e cadeiras dos alunos, um computador para o professor na secretária do mesmo, um quadro branco e um de giz, uma tela de projeção, um retroprojector luz direta. A acrescentar a estas características, as salas de desenho embora variem o seu tamanho, ao fundo têm duas entradas que dão acesso a uma arrecadação onde foram colocados armários para guardar materiais e os trabalhos dos alunos bem como uma bancada com um lavatório.

1.1.16 Grupo 600

1.1.16.1 Departamento de Expressões

O grupo 600 insere-se no Departamento de Expressões onde se englobem também o Grupo 240. O Grupo de Recrutamento 600 corresponde ao Ensino das Artes Visuais no terceiro ciclo do ensino básico e ensino secundário, reportando-se o grupo 240 ao segundo ciclo do ensino básico. O grupo 600 tem como coordenadora de grupo a Professora Carla Craveiro, sendo a professora Graça Leão, a professora cooperante para o presente estudo realizado a partir da prática em ensino supervisionada. A professora Graça Leão é professora do grupo 600, professora da disciplina de Desenho A da turma a que foi realizado este estudo e respetiva Diretora de Turma.

O corpo docente que constitui este grupo compõe-se por dois professores efetivos da Escola Básica D. António da Costa, quatro professores efetivos da Escola Secundária Emídio Navarro, um professor efetivo do grupo 240 da Escola Básica D. António da Costa que presentemente está a lecionar no grupo 600 aos 7º, 8º e 9º anos, um professor dos Quadros de Zona Pedagógica (QZP) e um professor que foi colocado no grupo embora não tenha horário atribuído, tem feito algumas substituições.

1.1.16.2 Disciplinas associadas

- Educação Visual
- Desenho A
- Geometria Descritiva A
- Oficina de Artes

- Oferta de Escola:

- MTE – Materiais e Técnicas de Expressão
- TIC

1.1.16.3 Parâmetros e critérios de Avaliação – Ensino Secundário

São aqui apresentados os critérios de avaliação das disciplinas de Desenho A, Oficina de multimédia e Oficina de artes.

Domínios competências/saberes/conhecimentos/capacidades instrumentos de avaliação ponderação:

Cognitivo (geral)

90%

Desenho A - 12º ano

95 %

- Aquisição e aplicação de conhecimentos.
- Aquisição, domínio e adequação de técnicas e instrumentos de trabalho (meios)
- Criatividade
- Desenvolvimento de capacidades de visualização espacial e de abstracção, descodificando e interpretando situações enunciadas, transportando-as para a representação.
- Rigor na representação gráfica expressiva.
- Domínio do vocabulário específico

Unidades de Trabalho (UT)

Estas podem assumir formas diferentes:

- Exercícios práticos e/ou teóricos;
- Desenvolvimento e apresentação de trabalhos;
- Oraís.

Cada instrumento de avaliação, poderá ter ponderações diferentes conforme: o grau de dificuldade e/ou a abrangência de conteúdos.

Atitudinal (geral)

10%

Desenho A - 12º ano

5 %

- Cumprimento de tarefas
- Respeito pelas regras estabelecidas
- Organização do trabalho
- Participação nas atividades
- Autonomia

Notas:

1. A avaliação de cada UT integra os domínios cognitivo e atitudinal.

1º Período 2º Período 3º Período

CF1 =Mp de UTs do 1ºP

CF2 =Mp de Uts (1ºP +2º P) CF3 = Mp de Uts (1º P+ 2ºP+ 3ºP)

2. **CF** – Classificação Final; **UT**- total de UT realizadas até ao momento da avaliação; **A** – atitudes; **Mp**- média ponderada.

2. DESCRIÇÃO DO PROJETO PEDAGÓGICO DE ESTÁGIO

2.1 Caracterização da turma 11º AV – ano de 2014/15

A caracterização que se segue foi gentilmente cedida para este estudo pela Diretora de Turma do 11º AV do presente ano letivo, professora Graça Leão.

Turma do 11º AV – 2014/15:

A turma do 11º AV iniciou o ano com 31 alunos inscritos, chegou a ter 33 alunos e neste momento tem 31 alunos inscritos das quais 28 frequentam a disciplina de Desenho A.

O conjunto de alunos da turma em Desenho A manteve-se tendo apenas 4 alunos deixado de frequentar a turma ou por retenção no ano anterior (2 alunos) ou por transferência para outra escola (2 alunos). A turma contém ainda 2 alunos novos a Desenho A, um aluno que, por sofrer de doença prolongada, possui condições de avaliação extraordinária e um aluno que mudou de curso este ano frequentando a disciplina de Desenho em regime de assistência às aulas. A turma possui ainda 3 alunas que frequentam apenas algumas disciplinas em que reprovaram no ano letivo anterior não estando a frequentar a Disciplina de Desenho.

O comportamento global da turma manteve-se satisfatório e sem casos de indisciplina mas a participação dos alunos nas aulas continua a ser bastante insipiente. Muitos alunos têm uma participação passiva intervindo muito pouco nas aulas e realizando as tarefas com grande lentidão. É patente em muitos deles, algum desinteresse e uma grande falta de organização pessoal no que consta, principalmente, ao seu trabalho extra aula.

O aproveitamento da turma desceu também. Apenas 9 alunos não registam nenhuma avaliação negativa no conjunto do seu currículo de disciplinas deste ano. Muitos apresentam mais de uma negativa e uma percentagem significativa encontra-se em risco de não transitar para o 12º ano.

A maioria dos professores queixam-se de uma grande apatia por parte da maioria dos alunos e uma quase ausência de trabalho individual dentro e fora da sala de aula.

Na disciplina de Desenho a situação é semelhante embora não existam avaliações negativas. No trabalho em aula os alunos, sempre que é iniciada uma nova Unidade Temática, apresentam algum entusiasmo na sua realização, mas vão perdendo ao longo dos trabalhos capacidade de finalizar os mesmos com autonomia. Muitos alunos não conseguem gerir o planeamento dos mesmos, esquecendo-se frequentemente dos

materiais necessários para a aula ou desistindo facilmente de terminar o trabalho sempre que surge alguma dificuldade.

O relacionamento dos alunos da turma também tem sido alterado, revelando por vezes, alguma tensão entre os alunos. Existe um grupo pequeno de alunos (cerca de 5 alunos) que conseguindo bons resultados na sua aprendizagem demonstram grande dificuldade de relacionamento com os restantes alunos da turma, recusando mesmo a trabalhar em conjunto com estes quando é necessário trabalho em grupo. A maioria dos alunos da turma relacionam-se entre si em pares ou grupos de 3 alunos, não existindo uma unidade de turma.

Durante o decurso deste ano também se foi notando uma maior dificuldade económica de alguns alunos que por vezes tem dificultado a realização das atividades e marcado a relação dos alunos da turma pois o grupo de 5 alunos já referido apresenta maior facilidade em adquirir materiais acentuando a sua predominância de poder de resolução nos trabalhos práticos do que os restantes alunos que por vezes necessitam de apoio da professora e da escola para adquirirem os mesmos materiais. Os alunos com mais dificuldades económicas partilham mais facilmente os materiais uns com os outros do que os que possuem maior disponibilidade financeira.

A participação dos Encarregados de Educação mantém a tendência do ano passado sendo as reuniões com os Encarregados de Educação pouco frequentadas por estes. Alguns Encarregados de Educação procuram manter um contacto regular com a diretora de turma mas existe um conjunto significativo de EE que só comparece na escola quando convocado e um deles nunca compareceu durante este dois anos de curso secundário.



Fig. 55 - Visita de estudo ao CAM. Fonte própria

2.2 Tema

“A expressão do graffiti: da motivação à conceção plástica” foi a temática escolhida onde assentou a prática de ensino supervisionada. O graffiti é já uma área explorada no âmbito da educação artística pela sua técnica de pintura específica, pela forma como é usado para comunicar e pela cultura de rua a que está associado e que o distingue dos movimentos artísticos estudados até então. No entanto, esta não é uma temática que faça parte dos currículos das Disciplinas de Desenho A ou História e Cultura da Arte no ensino secundário por não ser ainda reconhecida como estilo ou movimento artístico. Os artistas que fazem desta a sua arte, começam agora a ser conhecidos e reconhecidos, limitando-se, no entanto, este conhecimento geral à proliferação de arte urbana nos últimos anos e como tal, esse reconhecimento recai sobre os indivíduos que lhe dão expressão e engrandecem atualmente. No entanto, os impulsionadores desta arte, toda a cultura e contexto que abraçou o seu aparecimento, a impulsionou e todas as vertentes técnicas e estéticas que dela tiveram origem, enquadram-se entre ténues linhas de estudos pouco aprofundados. É por isso uma arte pouco influente na cultura artística estudada nas escolas embora presente e reconhecida na cultura visual dos alunos.

Foi feito um levantamento de estilos e técnicas por forma a incentivar os alunos à sua experimentação, bem como de artistas nacionais e internacionais ampliando deste modo o leque cultural desta vertente artística. Esta temática foi o motor escolhido para funcionar como base das aprendizagens mais rígidas como o desenho da figura humana que obedece a regras e é primeiramente experimentado, de um modo geral, através de técnicas usadas com materiais riscadores. O graffiti foi por isso introduzido na unidade temática de desenho do rosto com o fim de gerar interesse pelas aprendizagens, onde o cânone da cabeça humana pode ser trabalhado através do *stencil* do rosto dos alunos.

2.3 Problemática de investigação

De alguns anos para cá, os alunos têm vindo a desenvolver uma resistência à cultura escolar como refere Paul Willis e essa resistência tem sido um desafio pedagógico, foco de muitas problemáticas encontradas nas metodologias de ensino-aprendizagem.

Após observação direta da turma em questão, dos diversos modos como podemos abordar esta problemática, a questão colocada foi:

“Será a cultura visual dos alunos um gerador motivacional para a aprendizagem de novos conteúdos?”

Se assim é, reiterando que o graffiti é geralmente uma arte presente e reconhecida na cultura visual dos mesmos, não se poderão contornar metodologias miméticas de aprendizagem académicos do desenho, de proporções e cânones, de artes e movimentos e de metodologias de ensino já estudadas e estimula-los através de uma temática que lhes seja familiar? A curiosidade que lhes é aguçada sobre o tema leva-os ao experimentalismo encaminhando-os pelas aprendizagens da educação artística.

A arte urbana trouxe, a meu ver, uma deslocalização dos trabalhos em galerias, sufocados pelos pilares do academismo, da crítica de arte, residentes debaixo do teto do conceptualismo e da contemporaneidade. Este novo folego das artes plásticas empurrou os artistas para a rua e ajudou a desbravar caminho para a democratização da arte.

Esta arte para todos aproxima o aluno da obra. Diariamente, estes alunos, são consumidores de fugacidades, de bens de consumo imediato de conversas de *chat* no telemóvel. Vivem intensamente cada pedaço do seu dia mas sem grande envolvimento com as temáticas relacionadas com a escola, com a sua progressão intelectual e cultural. A escolha da área artística é muitas vezes resultado da não escolha de outras áreas e como tal, a chamada “vocação” não os move, as disciplinas como desenho ou história da arte já não são muitas vezes os motores de motivação para o trabalho mais metódico e teórico de outras disciplinas.

No entanto, se toda a arte fosse de facto centrada em si e deslocada da educação artística, que importância lhe saberiam dar todos os transeuntes que passam pelas paredes pintadas da cidade reconhecendo-lhes valor artístico embora a grande percentagem deste grupo de pessoas tenha sido afastada de uma educação artística no seu percurso escolar?

E esta liberdade associada a este género artístico em que “tudo” é permitido bem como a facilidade de entendimento de uma arte que comunica para todos, aproxima o aluno da realidade do estado da arte e convida-o, a meio do seu percurso diário para a escola, já enraizado na sua rotina diária, a parar em frente de uma parede pintada, desafiando-o a comenta-la, a questionar-se sobre o que ali se pintou, suscitando-lhe a curiosidade para lá da pintura, estimulando a sua opinião crítica sobre o óbvio e colocando-o numa posição de espectador atento à novidade. É por isso notório que muitos alunos têm uma atitude crítica perante uma obra de arte de rua, reconhecem-na aliás como uma obra de arte embora garantam que não têm o hábito de entrar numa galeria ou museu para ver arte.

Este fosso entre a escola e a arte levam-nos a pensar no desenvolvimento autodidata destes modelos de expressão artística, longe dos ensinamentos e da cultura escolar, longe

dos ensinamentos e da cultura artística, mas inseridos no contexto sociocultural em que os grupos de jovens estudantes se inserem.

Poderá então o graffiti ser o trampolim de elevação cultural e artística que impulse a curiosidade e a criatividade?

2.4 Descrição da atividade proposta

A atividade proposta para dez blocos de aulas insere-se na planificação delineada para o 1º Período do 11º ano de Desenho A onde será abordado o desenho da Figura Humana. Nesta atividade é pretendido que o aluno faça o desenho do seu próprio rosto através da técnica do stencil. Esta atividade é composta por três blocos centrais de conteúdos - o desenho do rosto humano; a comunicação e o graffiti - com o objetivo de, através da sua simbiose, despertar no aluno o interesse por novas técnicas e materiais fazendo cumprir toda a sua aprendizagem do desenho da figura humana.

Relativamente ao desenho do rosto humano, numa primeira fase são apresentadas ao aluno as proporções do rosto, onde a partir do qual é proposta uma simplificação do seu próprio rosto através da mancha provocada pelo-claro escuro respeitando as regras da proporcionalidade tendo por base uma fotografia do seu rosto.

Numa segunda fase, é apresentada ao aluno a arte do graffiti, a origem do seu nome, as questões sociais de arte ou vandalismo, os termos técnicos e o graffiti como forma de comunicação. É proposta uma pesquisa base de artistas e técnicas inerentes a esta arte que resultarão num debate de ideias em turma e de uma conta comum de turma na rede social Pinterest para partilha de imagens relacionadas com o tema.

Numa terceira fase é desenvolvido o exercício de *stencil* onde através do recorte de manchas em papel poderão criar o molde para pintar uma placa de pvc com 30x30cm através da técnica da pintura a spray. No final é feita uma apreciação coletiva do trabalho realizado e são preenchidas fichas de autoavaliação.

2.5 Objetivos da proposta de trabalho

Todo o projeto desenvolvido à luz do tema “A expressão do graffiti: da motivação conceção plástica” teve como principal objetivo estimular a curiosidade, ampliar a cultura visual dos alunos e sedimentar a motivação nas aprendizagens de novos conteúdos teóricos, novos materiais e técnicas.

A expressão através do graffiti pode ainda ser analisada como um processo de aproximação da escola e dos alunos com a comunidade envolvente na medida em que,

esta temática além do desenvolvimento que teve, inserida numa unidade temática dentro da sala de aula, originou a vontade de transpor estas aprendizagens para o espaço rua e deste modo, a escola, desenvolveu vários mecanismos de inter-relação com a Câmara Municipal de Almada proporcionando novas dinâmicas e entendimentos entre alunos e sociedade promovendo deste modo as aprendizagens para a cidadania através das mensagens passadas nas pinturas realizadas cujo tema foi “Arte com responsabilidade” (conf. Anexo VI).

2.6 Conteúdos programáticos

Os conteúdos programáticos abordados nesta unidade temática estão parametrizados no programa de Desenho A do 11º e 12º anos do Curso Científico-Humanístico de Artes Visuais, homologado a 25/03/2002 (conf. Anexo III).

Numa primeira abordagem teórica, os alunos foram sensibilizados para os conceitos de **Visão** aquando do estudo da aplicação do cânone do rosto humano a uma fotografia sua:

- Transformação dos estímulos em perceções
- O papel dos órgãos sensoriais: os olhos e a recolha da informação visual.

Esta recolha de informação visual onde reside a distinção entre olhar e ver levou-os ao estudo dos **Procedimentos Técnicos**: Mancha: natureza e carácter (forma, claro-escuro); por forma a ser criado o stencil do seu rosto através de **Processos de Síntese**: nivelamento, simplificação.

Em relação aos conteúdos cromáticos, houve uma especial atenção com a **Cor**: Luminosidade cromática, claro-escuro.

Quanto aos **Modos de Registo**, foram usados os **Modos de Transferência**: decalque, stencil.

Relativamente aos **Materiais**, foi feito uso de suportes como papéis e placas de PVC pelas diferentes espessuras e texturas; como meio atuantes aquoso, foram trabalhadas as tintas de spray e como meios atuantes riscadores, os lápis de grafite e os marcadores.

3. Estratégias adotadas

3.1 Estratégias

As estratégias de ensino-aprendizagem adotadas pelo professor estão presentes no dia-a-dia dos alunos e fazem parte do sucesso de aprendizagem de conteúdos, criação e desenvolvimento de práticas de estudo bem como incentivo à procura de informação. As estratégias usadas pressupõem, por isso, uma base investigacional da turma, à qual serão

adaptadas, para se puderem construir e moldar da melhor forma às necessidades e exigências desse grupo de alunos em questão.

No entanto, a Lei de Bases do Sistema Educativo que regula o próprio sistema educativo institui que o Ensino Secundário por se encontrar edificado entre o final do ensino básico e o início do ensino superior, integrando também o ensino profissional pressupõe por isso o uso de estratégias de ensino transversais à preparação vocacional e profissional.

Com isto, o professor na adoção de estratégias focadas num estilo motivacional com base na teoria da autodeterminação encara também o desafio de preparar os estudantes para o ensino superior e consequentemente para a vida ativa representando por isso um ciclo vocacional e de preparação profissional.

3.1.1 Estilo motivacional do professor

A motivação intrínseca do aluno é influenciada, em parte, pelo estilo motivacional do professor. Esta não resulta de uma aprendizagem nem poderá ser lecionada, é antes estimulada através de um conjunto de estratégias adotadas pelo docente. Toda a bagagem que o aluno traz consigo para o ambiente escolar terá por isso de ser considerada para que a adoção destas estratégias esteja vinculada a hábitos sociais, relações familiares, culturais ou de conhecimento.

Como nos refere Herbert Read na sua tese “Educação pela arte”, todos os indivíduos têm o seu património. Reconhece-lo nos alunos irá de encontro à teoria sobre o estilo motivacional do professor de Sueli Guimarães e Evelyn Boruchovitch em que adota uma postura empática e não autoritária de uniformização de estratégias para a turma mas tentando adapta-las ou torna-las adaptáveis à condição de cada um.

“Apesar de teoricamente a democracia poder propor um ideal do “homem vulgar” a que todos os cidadãos se devem conformar e na qual todas as diferenças serão categoricamente eliminadas, essa é uma conceção de democracia que pode apenas caber numa mentalidade autoritária. Na prática democrática, todos os indivíduos têm o seu património: não são um material que se deite dentro de um molde e que se dê uma marca de contraste.” (Read, 1943, p.17)

A empatia por parte do professor com as condicionantes e características de cada aluno levam-no a tornar a sala de aula um espaço de influência que incrementa o nível de envolvimento dos alunos com as aprendizagens através da estimulação da motivação intrínseca dos mesmos.

A teoria da autodeterminação desenvolvida por Ryan e Deci defende que a autonomia, a necessidade de competência e o estabelecimento de vínculos, são as necessidades psicológicas inatas inerentes à motivação intrínseca.

Como tal, o estilo motivacional adotado pelo professor torna-se por isso uma importante influência para o desempenho do aluno.

Os objetivos estabelecidos pelo professor e os padrões de comportamento valorizado por parte de um aluno em sala de aula são definidos à priori e relacionam-se com um compromisso que está estabelecido pela escola e que é divulgado junto da comunidade escolar com as estratégias motivacionais adotadas pelo professor em sala de aula. Estas poderão articular-se então entre tipos de avaliação, especificidades nas atividades propostas relacionadas com interesses ou necessidades dos alunos, adoção de critérios na formação de grupos de trabalho ou gestão do tempo entre outros exemplos que poderiam ser dados.

Deste modo e neste caso específico de investigação, criou-se um compromisso de reconhecimento, por parte do professor, da cultura visual deste grupo de alunos por forma a, através do reconhecimento das pinturas de rua, que fazem parte do seu imaginário, trazer novos conhecimentos técnicos e conceptuais para a criação de vínculo com as aprendizagens artísticas que terão pela frente.

3.1.2 Redes Sociais e de partilha de informação entre o grupo turma

O recurso a redes sociais no ensino secundário, podendo já fazer parte das estratégias de ensino de alguns professores, ainda é visto como uma forma de comunicação entre alunos fora do âmbito escolar. Sabemo-lo de forma empírica através de conversas com colegas de docência, por comentários feitos por alunos ou mesmo pelas relações familiares com adolescentes em idade escolar. No entanto, a meu ver, tirar partido desta forma de comunicação entre discentes, e dar-lhe um lugar relevante no âmbito de sala de aula, familiariza-os com os conteúdos através da familiarização que já existe com o meio onde estes são transmitidos. É, além disso, um espaço de partilha e interação que se pode tornar rico na partilha de interesses, promovendo a aprendizagem colaborativa.

O Pinterest foi por isso a rede social escolhida para a interação de partilha de conhecimento entre alunos porque permite a criação de bancos de imagens comuns e a divisão dos mesmos por categorias ou temas.

Deste modo, foi criado um Pinterest de turma com o nome de “Turma 11AV ESEN 2014/2015” e foi-lhes explicado todo o conceito por detrás desta plataforma de

Pretende-se, a nível de estratégia de ensino, que a sua curiosidade seja estimulada por esta nova rede social, o Pinterest, apenas conhecida até então por alguns membros da turma, através da familiaridade que têm com este género de partilha de informação, suscitando, deste modo, a vontade de pesquisa nos alunos, com o objetivo delineado em alimentar este repositório com novas imagens, partilha-las entre grupo turma e gerar uma galeria de “conhecimento” comum sobre esta arte.

¹ A nomenclatura *Pin*, é uma designação dada pelo próprio site a uma funcionalidade da aplicação que permite ao utilizador guardar imagens que lhe aparecem no *feed* em uma das pastas que criou fazendo uma analogia ao mundo real, quando agarramos numa fotografia ou num postal e o fixamos num quadro na parede com um pin (objeto).

3.1.3 Reflexão em grupo e tertúlias

O contante feedback do trabalho realizado, a partilha de feedback entre turma e as tertúlias geradas a partir do tema proposto, o graffiti, foram fundamentais para quebrar algumas ideias pré-concebidas sobre o tema e existir uma tomada de consciência por parte dos professores sobre o conhecimento, ideias ou opiniões que os alunos traziam sobre esta arte. Estas conversas abertas resultaram em desconstrução de ideias e momentos de aprendizagem e partilha que permitiu uma maior consciência do trabalho proposto nas diferentes atividades realizadas, uma abertura para a introdução de novas técnicas e abordagens à expressão artística e um maior conhecimento coletivo do percurso de aprendizagem de cada um o que levou a uma maior interajuda e colaboração.

A relação entre professor aluno fica desta forma também sedimentada pelo estabelecimento de espaço de opinião e discussão, não adotando este a postura comum de transmissor de conhecimento, mas de mediador entre partilha de conhecimento adquirido. A confiança que é gerada através desta postura por parte dos docentes, nos alunos, leva os grupos de discentes a adotarem uma postura de investigadores curiosos, levando para a aula a debate algumas questões que lhes surjam ou procurando o professor para o esclarecimento das mesmas.

3.1.4 Atividades experimentais de pintura fora da sala de aula

O ambiente de sala de aula não é por vezes o mais propício à aprendizagem ou a manifestações criativas. O fosso que existe entre espaços criativos escolares e espaços criativos definidos pelos artistas é enorme e embora a arte tenha a si agregada uma curva de aprendizagem académica, está, em si, desvinculada por completo do ambiente escolar. Na exploração da temática proposta, esta premissa está ainda mais presente visto o graffiti ser uma arte de rua. Como tal, não desvirtuando todo o ambiente controlado de sala de aula, onde é construído e transmitido conhecimento concetual e técnico, todo o experimentalismo e aprendizagem prática foi realizado ao ar livre no pátio exterior da escola e culminou numa mostra pública de um mural conjunto de turma, na rua, fora das paredes da escola.

Esta estratégia de ensino-aprendizagem estimula no aluno o sentido de responsabilidade e de tomada de decisão perante o trabalho que desenvolve, pois, o ambiente ao ar livre dá-lhes uma ilusória sensação de “não aula” embora condicione o seu trabalho por poder ser visto por toda a comunidade escolar, no que se refere a aulas no pátio, ou mesmo por todo o transeunte que passe pelo o muro da rua onde a turma está a intervir.

O sentido de responsabilidade, pertença e autonomia que este tipo de dinâmicas proporciona, estimula no aluno a motivação intrínseca pelas aprendizagens, estabelecendo um maior vínculo ao percurso artístico que escolheu aquando da sua entrada no 10º ano em artes visuais.

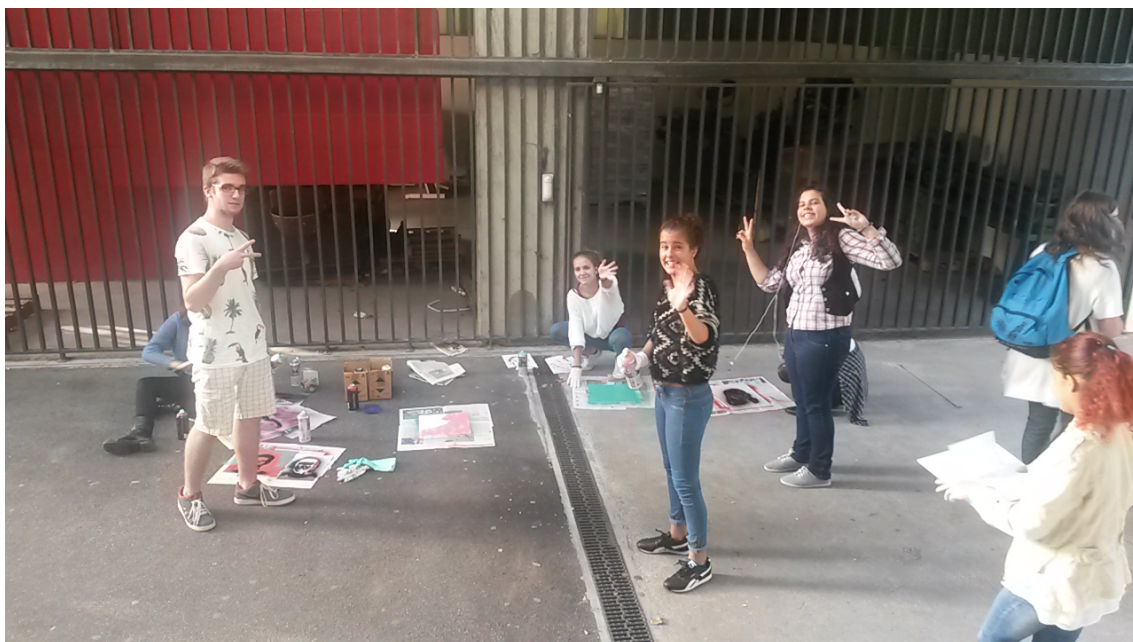


Fig. 57 - Aula de graffiti no pátio. Fonte própria

III. CONCRETIZAÇÃO DO PROJETO

1. DESCRIÇÃO DAS AULAS LECIONADAS

Na apresentação aqui feita das aulas lecionadas (conf. Anexo IX) pretende dar-se a conhecer a aplicação prática da planificação da unidade temática: O Graffiti e o desenho do rosto (conf. Apêndice II) com um breve descritivo de cada aula, sumários das mesmas e materiais usados. Houve um acompanhamento desta turma desde o seu 10º ano até ao final do seu 11º ano. Como tal, houve oportunidade de fazer uma breve apresentação minha aos alunos, dar-lhes também a oportunidade de se apresentarem, explicar-lhes todo o contexto em que aquele bloco de aulas iria ser lecionado, sempre com a supervisão da professora da disciplina de Desenho A Graça Leão bem como fazer-lhes uma introdução ao projeto.

A temática Graffiti foi por isso abordada numa conversa em aula entre professores e alunos onde houve oportunidade de fazer um balanço de conhecimentos já adquiridos pelos alunos sobre o tema, conhecer as suas opiniões sobre a temática, visto ser polémica por atravessar muitas vezes a fronteira da legalidade, bem como a sua cultura sobre artistas envolvidos nesta arte, portugueses e estrangeiros.

Aula nº 1 – 06. Out. 2014 (3 blocos de 45min)

Sumário:

- Apresentação da Unidade Temática: O Rosto Humano;
- Visionamento de uma apresentação multimédia sobre o desenho do rosto.
- Exercício de desenho a partir do cânone do rosto.

Descrição da aula:

- Apresentação do tema a ser trabalhado no decorrer da Unidade: O Graffiti e o Desenho do rosto;
- Visionamento de uma apresentação multimédia sobre o desenho do rosto
- Desenhar a grelha do cânone do rosto de frente em papel quadriculado e decalcar para a folha branca ou em folha branca com régua e esquadro.
- Fazer as medições do colega ao longe com o lápis e comprovar as medidas corretas.

- Desenhar o rosto do colega da frente segundo o cânone, marcar primeiramente as linhas gerais do cânone, iniciar o desenho das formas do rosto e finalmente os sinais característicos.
- Fotografar as caras dos alunos a expressar uma emoção.

Material didático:

- PPT – O rosto humano (Conf. Anexo VII)

Material:

Folhas brancas A4 para desenho, lápis de grafite HB ou B, canetas coloridas, régua e esquadro ou folhas quadriculadas.

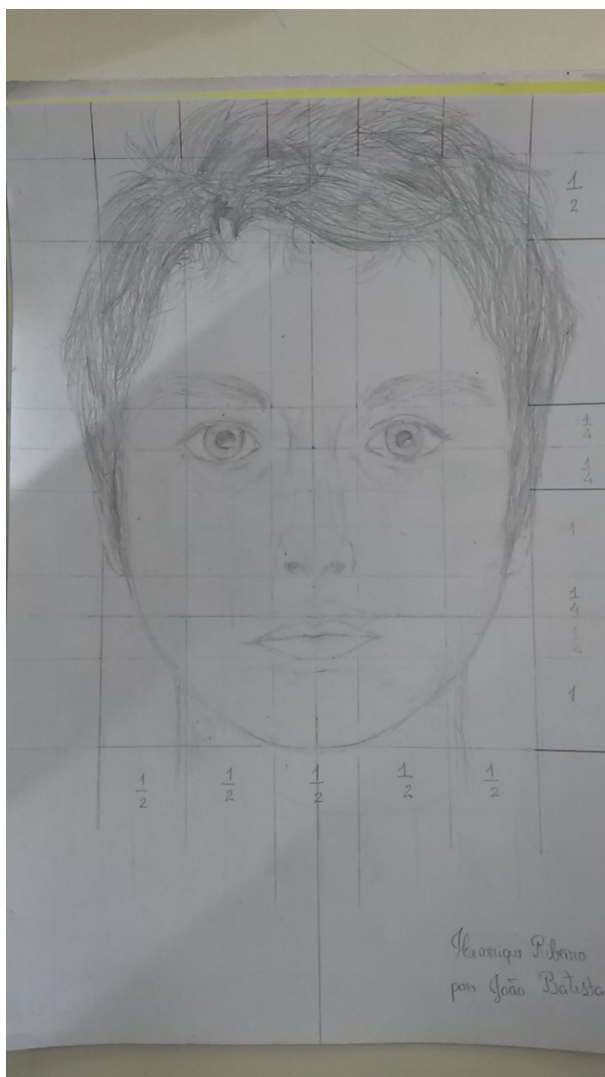


Fig. 58 - Autorretrato de aluno. Fonte própria



Fig. 59 - Autorretrato de aluna. Fonte própria

Aula 2 – 07. Out. 2014 (1 bloco de 45)

Sumário:

- Trabalho individual.
- Trabalho a pares: Debate sobre algumas questões colocadas sobre a arte do graffiti.
- Debate conjunto em turma sobre as conclusões do trabalho a pares.

Descrição da aula:

Trabalho individual:

- Origem do nome e história.
- Arte ou Vandalismo.
- Termos técnicos e Técnicas.
- Forma de comunicação
- Graffiti e Arte Urbana

Debate conjunto de turma.

TPC para a próxima aula – Pinterest de turma, *writers* portugueses e estrangeiros.

Material didático:

- Manuais Escolares vários de vários anos de escolaridade e disciplinas relacionadas com o Desenho e a História e Cultura das Artes
- Livros sobre arte urbana
- Acesso a recursos tecnológicos como portáteis ou telemóveis para fazer pesquisa na internet.

Aula 3 – 10. Out. 2014 (2 bloco de 45)

Sumário:

- Visionamento de algumas imagens e filmes sobre os temas abordados na aula anterior.
- Exercício “Stencil”:
- Desenho de decalque das manchas escuras da cara tendo em atenção as proporções do rosto estudadas.

Descrição da aula:

1º bloco – Conversa com os alunos de resposta às questões colocadas na aula anterior, visionamento de alguns sites.

<http://coresnosmuros.blogspot.pt/2011/05/origem-do-graffiti.html>

<http://pt.pinterest.com/esen201415/graffiti/>

Videos:

Bombing, tag, throw-up

<https://www.youtube.com/watch?v=G0bOxs0IIgY#t=131>

<http://vimeo.com/61550523>

2º bloco – Exercício de stencil através do desenho das zonas escuras das suas fotos nas janelas da sala ou usando papel vegetal.

Material didático:

- Sites e vídeos propostos nos links acima referidos.

Material:

Folhas brancas A4 para desenho, folha A4 de papel vegetal, lápis de grafite HB ou B e fotografia A4 a PB do aluno.

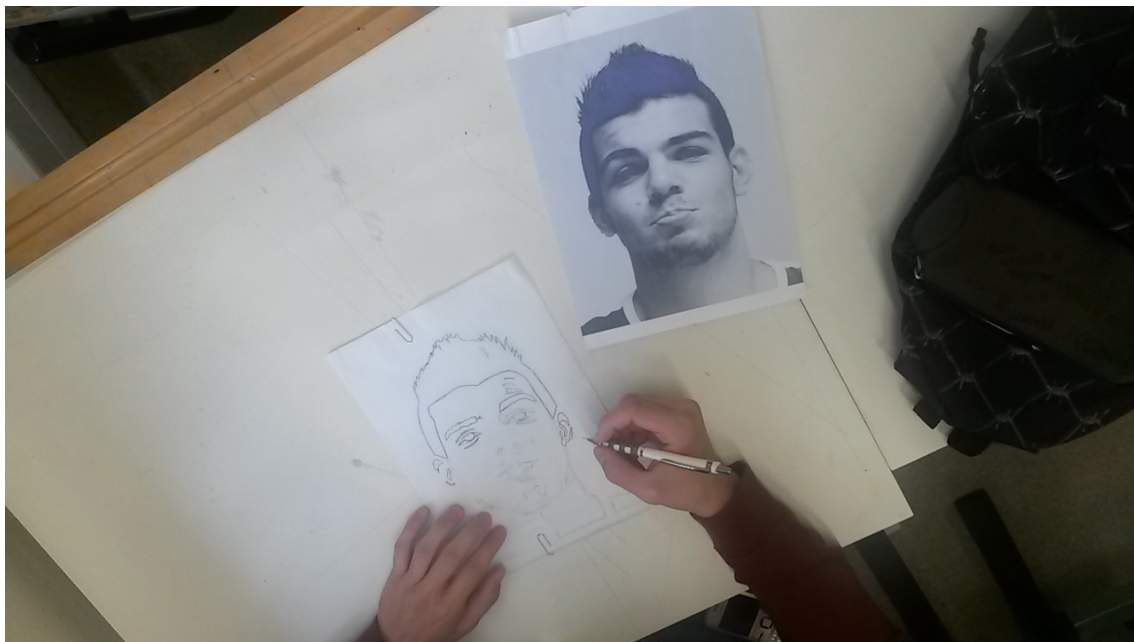


Fig. 60 - Exercício de stencil. Fonte própria

Aula 4 – 13. Out. 2014 (3 blocos de 45min)

Sumário:

- Exercício de *Bombing* em papel de cenário. Experimentação da pintura em lata de *spray*.
- Exercício de Stencil: Recorte das machas por forma a construir um *stencil* das zonas escuras do seu próprio rosto.
- Início da pintura a stencil

Descrição da aula:

1º bloco – finalização do exercício do stencil iniciado na aula anterior, finalização do desenho das manchas, decalque para folha branca e recorte com x-ato.

2º bloco – Introdução às técnicas de pintura com lata de spray e conjugação com outros materiais como canetas *Posca*. Pintura de letras, ilustrações ou stencil em papel de cenário. Trabalho livre de experimentação de técnicas no pátio da escola.

Início da pintura a stencil.

Material:

- Lápis HB ou B, x-ato, papel de cenário, placas de PVC, tintas de spray



Fig. 61 - Diferentes etapas de exercício de stencil. Fonte própria



Fig. 62 - Exercício de expressão – pintura em grupo no pátio. Fonte própria

Aula 5 – 14. Out. 2014 (1 blocos de 45min)

Sumário:

- Exercício de *Stencil* – pintura com técnica de spray em moldes.

Descrição da aula:

Pintura com técnica de spray em moldes sobre suportes diversos, placas de PVC e cartão em pintura individual e composição em grupo.

Material:

Placas de PVC, cartões e tintas de spray.



Fig. 63 - Pintura de aluna com spray. Fonte própria



Fig. 64 - Exercício de stencil. Fonte própria



Fig. 65 - Apresentação de molde depois de pintado. Fonte própria

Aula 6 – 21. Out. 2014 (1 blocos de 45min)

Sumário:

Conversa com os alunos sobre o projeto realizado.

Ficha de reflexão sobre o trabalho realizado.

Ficha de autoavaliação.

Descrição da aula:

Conversa com os alunos sobre o trabalho realizado e debate de ideias e confronto com as ideias gerada na primeira conversa em aula sobre o tema.

Mostra dos trabalhos realizados e fotografias de grupo com os mesmos.

Distribuição, realização e recolha das fichas de reflexão e autoavaliação.



Fig. 66 - Resultado final de autorretratos pintados a stencil. Fonte própria

2. Aulas extra

Foram lecionadas duas aulas fora do âmbito do bloco de aulas programado para o tema. Surgiram no seguimento do contacto com a Câmara Municipal de Almada por forma a ser dada autorização e nos ser disponibilizada (à turma 11º AV da ESEN) uma *parede autorizada*² para ser feito um mural de rua. Esta disponibilidade por parte da Câmara Municipal de Almada em legalizar a pintura mural num conjunto de muros e paredes (Fig. 67) para a prática livre da expressão e da arte leva os *writers/street artists* locais, as escolas e associações ou ações culturais a utilizar esses muros de forma pensada, com a oportunidade da realização de projetos estudados e morosos dando liberdade de expressão a quem dela quiser fazer uso.

² A Câmara Municipal de Almada anuncia o seguinte no seu site: <http://www.m-almada.pt/> “Tendo em vista promover, incentivar, apoiar e disseminar o desenvolvimento de iniciativas artísticas, incluindo manifestações de arte urbana, protagonizadas por jovens em prol da qualificação do espaço público “Arte com Responsabilidade”, a Câmara Municipal de Almada alargou a rede de muros autorizados para a prática de graffiti.”

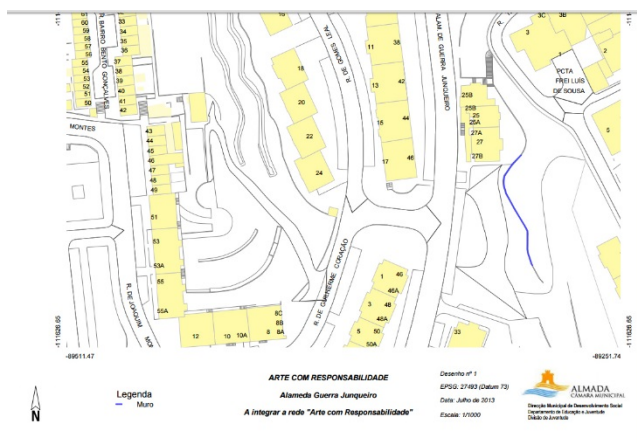


Fig. 67 - Mapa de Almada com indicação de zona de pintura autorizada. Fonte própria



Fig. 68 - Muro para intervenção de pintura. Fonte Google Maps

Esta autorização chegou e foi acordado com a turma finalizar o ano letivo com uma mural de turma por questões climatéricas e por esta atividade se poder integrar num conjunto de atividades programadas para o final de ano como uma exposição coletiva dos trabalhos dos alunos dentro da escola.

Para estes alunos, atravessar as paredes da escola e terem a oportunidade de comunicar na rua, em espaço público tornou-se num desafio que em conjunto se traduziu num tema comum a explorar neste mural “Arte com responsabilidade”.

Dentro do tema Ilustração e do bloco de aulas previsto para tal que foi lecionado pela professora cooperante e professora da turma Graça Leão, foi desenvolvido o projeto “Arte com responsabilidade” (conf. Anexo VI).

A proposta do tema e do projeto foi apresentado à Câmara. Depois de aprovado, houve uma divisão de grupos de trabalho na turma em que cada grupo abordou um dos seguintes subtemas: As diferenças de género no graffiti; O graffiti e a discriminação (racial, de género e de orientação de género); O humor no graffiti.

2.1 Aula de experimentação de materiais e de introdução à pintura de rua

Sumário:

- Pintura de Graffiti em telas.

Descrição da aula:

Desenho com projetor em telas reutilizadas e cedidas pela Câmara Municipal de Almada para o efeito.

Pintura em grupo sobre a mesma tela com o objetivo de estimular o trabalho em grupo numa grande superfície, experimentação de pintura com lata de spray sem ser sobre moldes, preenchimento de áreas definidas, conceção cromática e experimentação de outros materiais como as canetas para desenhar em múltiplas superfícies.

Material:

Projetor e materiais riscadores de desenho

Telas plastificadas

Latas de spray e poscas.



Fig. 69 - Desenho de projeção em tela.
Fonte própria

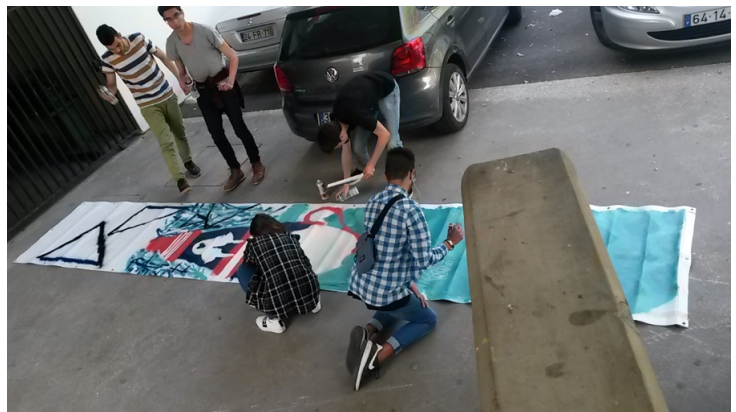


Fig. 70 - Experimentação de técnicas de pintura. Fonte própria

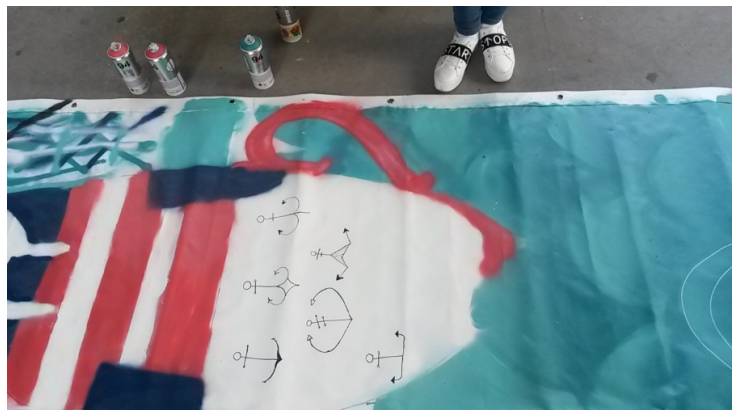


Fig. 71 - Pormenor de tela pintada. Fonte própria



Fig. 73 - Pintura conjunta de mural de rua. Fonte própria

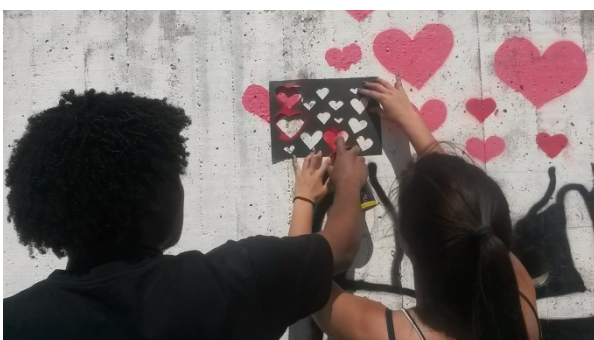


Fig. 74 - Alunos a pintar em stencil. Fonte própria

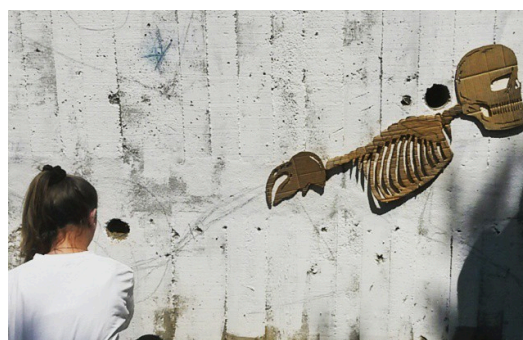


Fig. 75 - Aplicação de moldes. Fonte própria

3. Avaliação do trabalho dos alunos

3.1 Critérios de avaliação

Os critérios de avaliação usados para avaliar os alunos do 11º ano da turma de AV estão distribuídos por duas grelhas. A grelha de avaliação cognitiva corresponde a 95% da nota e a grelha de avaliação atitudinal que tem um peso de 5% da nota (conf. Anexo I).

Critérios de avaliação cognitiva (total 190 pontos):

Observar e analisar: Observa e regista com crescente aptidão: Domínio 1 e 4 dos conceitos constantes nos conteúdos programático 45 pontos

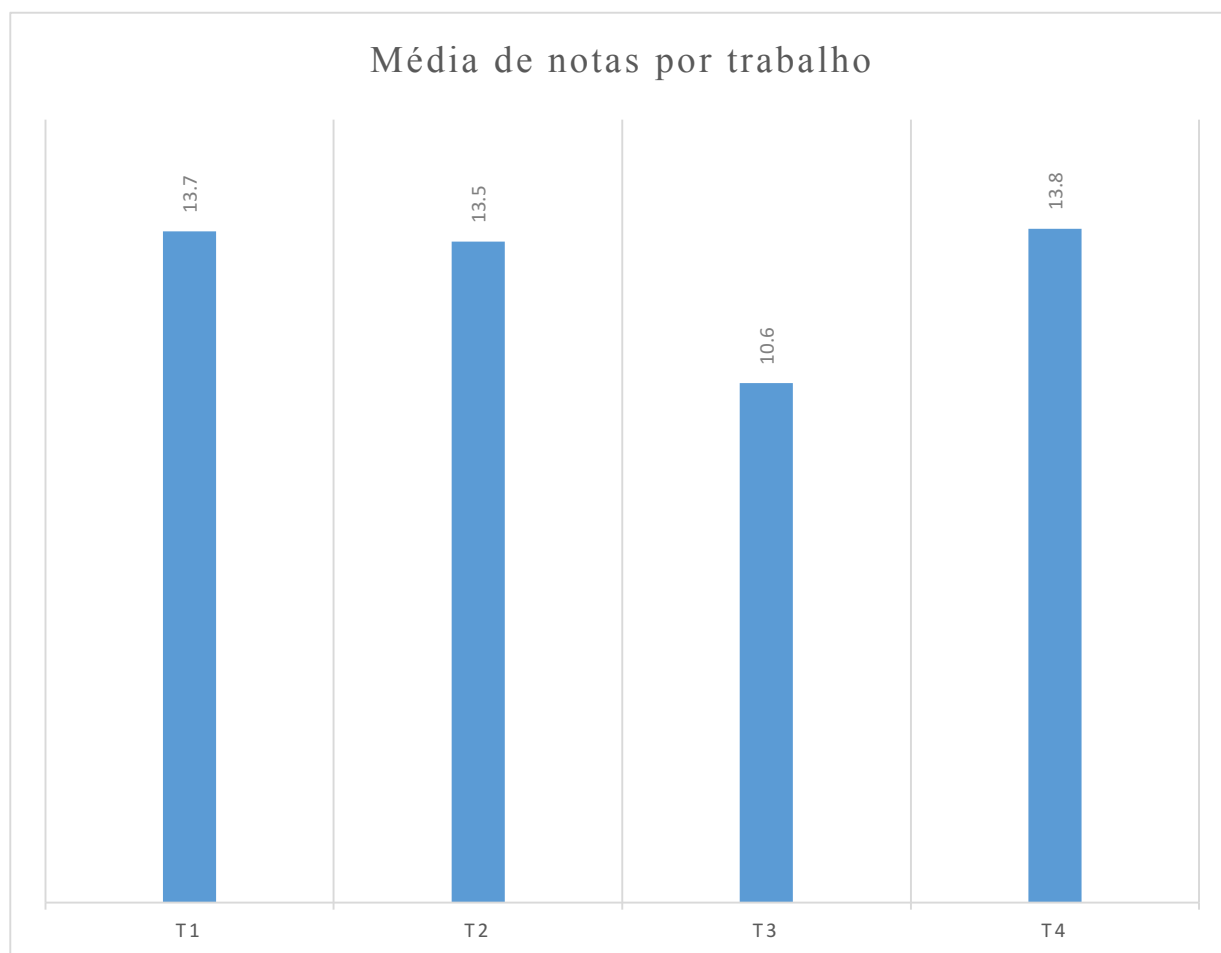
Rigor na representação gráfica de manchas através do processo de simplificação...... 70 pontos

Manipular e sintetizar: O domínio da técnica do stencil e do traçado com lata de spray aplicada em escalas e suportes diferenciadas, e suas potencialidades..... 75 pontos

Critérios de avaliação atitudinal (total 10 pontos):

Comparece com o material necessário1,5 pontos
Cumprir prazos e tarefas..... 2 pontos
Demonstra interesse e empenho..... 1,5 pontos
Trabalha com autonomia..... 2 pontos
Intervém de forma oportuna e ordenada..... 1,5 pontos
Respeita regras de trabalho..... 1,5 pontos

3.2 Resultados da Avaliação Contínua – 1º Período³



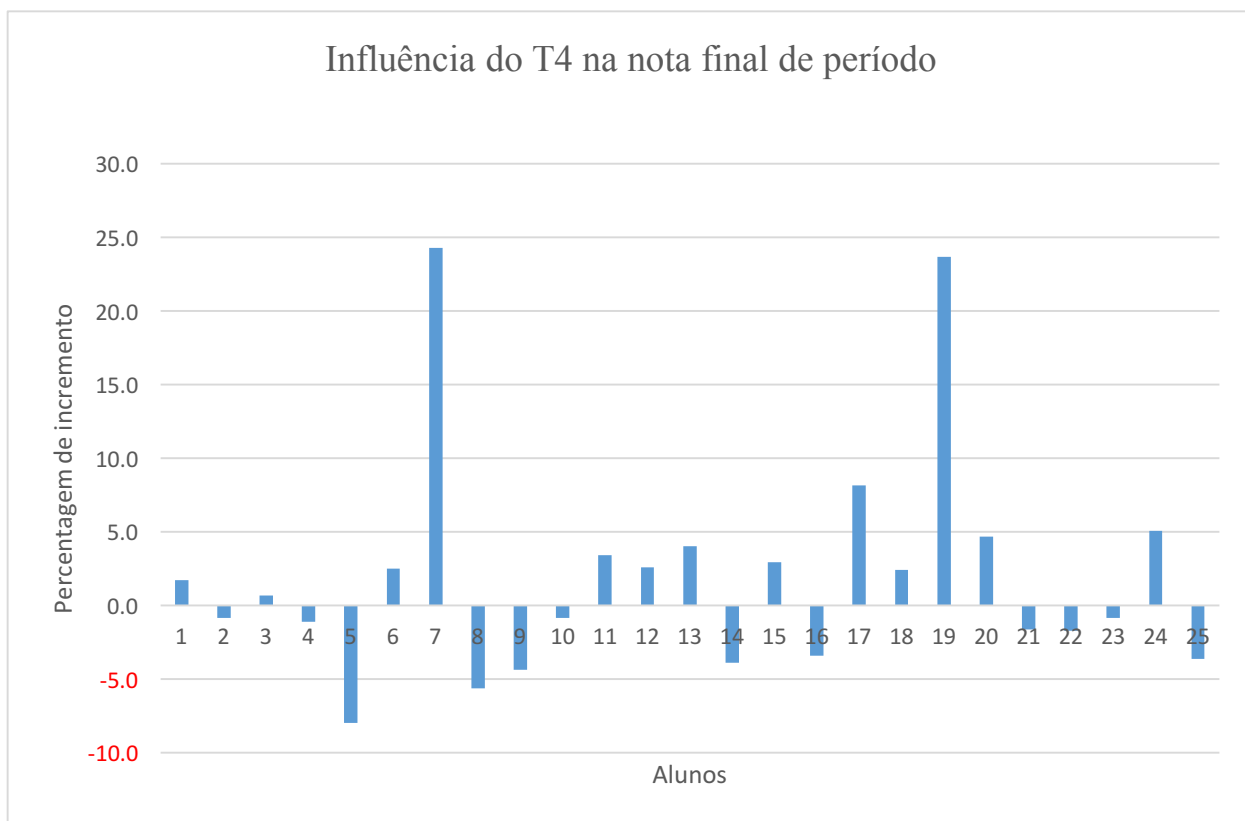
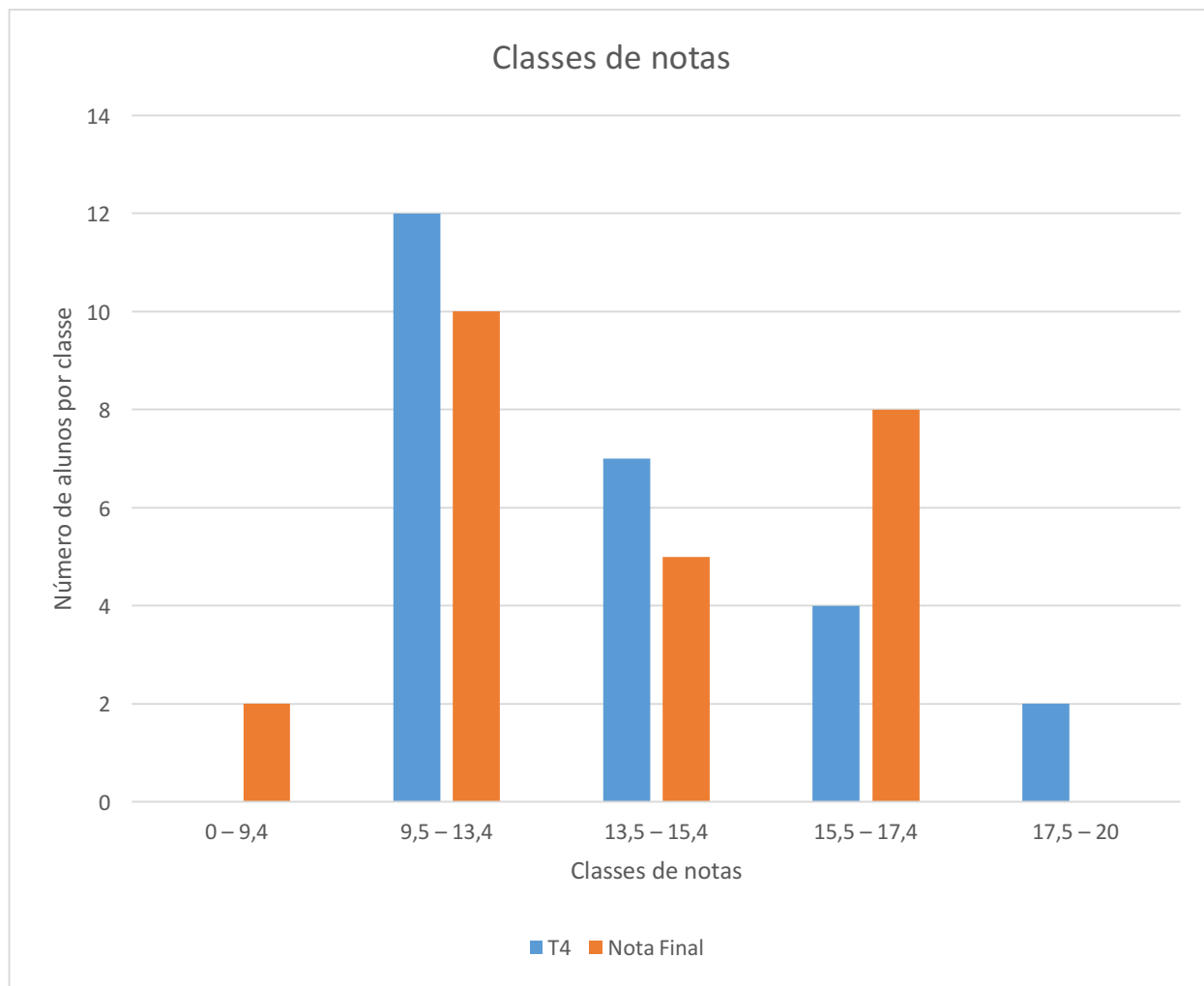
³ T1 - Desenho da figura humana - contorno e forma

T2 - Desenho da figura humana e estudo do seu Movimento

T3 -Expressão gráfica de sentimentos - Trabalho para com Dia Int Luta contra a sida (Educação Sexual)

T4 - Desenho do rosto e técnica do Graffiti

NF – Nota Final



3.3 Análise de resultados

A média final de 1º período nesta disciplina é calculada através da seguinte fórmula:
$$(4 \times T1 + 4 \times T2 + 1 \times T3 + 4 \times T4) / 13 = NF$$

No gráfico “Média de notas por trabalho” acima apresentado, são identificadas as médias de notas por trabalho desenvolvido. Deste gráfico conclui-se que os alunos embora tenham tido melhor média no T4, a discrepância entre médias de trabalhos não é alta e por isso fica demonstrado que houve uma coerência no percurso ensino-aprendizagem dos alunos ao longo deste período.

Relativamente ao gráfico “Classes de notas” é identificado um maior número de alunos distribuídos pelas classes [9,5-13,4] e [13,5-15,4] o que demonstra um bom aproveitamento da turma no T4 não existindo registos de classificações abaixo de 9,5.

Foi também feita uma análise da influência do T4 na nota final dos alunos e supondo que os pesos dos trabalhos apresentados nos cálculos se mantinham sem o T4 através da aplicação da seguinte fórmula $(4 \times T1 + 4 \times T2 + 1 \times T3) / 9 = NF$, conclui-se então que com a introdução do mesmo houve um incremento positivo na média de notas finais da turma de 2%, ou seja, o T4 potenciou o aumento da nota final do 1º período dos alunos. No terceiro gráfico “Influência do T4 na nota final de período” é verificada essa influência aluno a aluno perante os cálculos apresentados na tabela em anexo (conf. Anexo V). É possível verificar também que o T4 esteve em concordância com os restantes trabalhos desenvolvidos ao longo do período.

Assumindo que um aluno motivado reflete essa motivação no seu interesse nas tarefas propostas e conteúdos lecionados, aumento da sua capacidade de trabalho e na ampliação da sua criatividade nos trabalhos realizados influenciando diretamente a avaliação., fica assim demonstrando também o aumento da motivação na realização do T4 devido aos 2% de melhoria de nota na média de notas finais da turma com a presença de dois casos que viram a sua nota melhorar quase 25% face ao valor que obteriam unicamente com a entrega dos restantes trabalhos.

É então possível concluir que o resultado desta investigação teve um reflexo positivo na avaliação dos alunos, não desvirtuando o fluxo normal de notas ao longo do período.

REFLEXÕES FINAIS

O objetivo geral deste estudo consistiu em aplicar estratégias motivacionais relacionadas com o património cultural dos alunos transformando essa bagagem em tema de aprendizagem na abordagem de conteúdos programáticos inerentes à disciplina e ano de escolaridade em questão.

Como tal, concluiu-se numa primeira análise durante o 10º ano desta turma que existia alguma resistência por parte dos alunos à cultura escolar e que a sua cultura artística prendia-se à chamada arte de rua. Ficou também revelado algum alheamento em relação às obras de arte expostas em museus ou galerias porque este grupo de alunos, confessa que não tem o hábito de frequentar espaços destinados a manifestações artísticas a não ser o cinema ou concertos de música. As suas rotinas familiares também não englobam estas práticas culturais e a vertiginosa vida de cada aluno no que respeita à absorção de informação desvirtua a sequência: curiosidade, interesse e pesquisa. A internet tornou-se por isso o meio primordial de oferta informativa. Esta, está constantemente em atualização sobre temas atuais, tendências, modas, etc., e deste modo, adaptar certos conteúdos programáticos a uma linguagem comunicativa veloz é desafiante sobretudo se esses conteúdos se relacionam com fundamentos históricos datados ou correntes artísticas que não pertencem ao léxico visual comum dos estudantes.

A primeira estratégia adotada foi então a escolha do tema a aplicar em aula, a temática escolhida foi o graffiti aplicado à unidade temática do desenho do rosto na turma de 11º AV do ano letivo 2013/2014 levando-os a gerar interesse pela aprendizagem do cânone da cabeça humana através da técnica do *stencil*.

O estilo motivacional do professor promoveu a adaptação da temática escolhida aos conteúdos, atividades e estratégias a adotar com os alunos, fazendo com que estes criassem um maior envolvimento com as aprendizagens, melhorassem a sua autoestima e se sentissem mais autónomos.

Quando a temática foi apresentada em aula, associada à rede social Pinterest, as primeiras pesquisas feitas fora da sala de aula fizeram com que este grupo agitasse a sua curiosidade. Regressados ao ambiente de aula, trouxeram consigo, após as primeiras pesquisas, dúvidas sobre técnicas e materiais, correntes, artistas e sobre a sua real capacidade de aprendizagem e execução da mesma, enquanto alunos de secundário, inexperientes nesta arte.

Para todas estas dúvidas foram sendo construídas respostas, aula a aula, através da experimentação e do envolvimento com as propostas de atividades realizadas.

Trazer o graffiti para o ambiente escolar, além de um estímulo para os alunos, foi uma inovação no que toca a técnicas e estilos abordados e praticados.

Com a abordagem a este conteúdo foram desenvolvidas competências ao nível da motricidade devido à gestualidade de movimentos específicos necessários para a pintura com spray; aumento da concentração devido às exigências requeridas na aplicação desta técnica; maior envolvimento com as aprendizagens, tanto do desenho do cânone do rosto, como de novas técnicas de pinturas pela experiência de pintar fora do ambiente de sala de aula incrementando a autonomia e a responsabilidade; maior coordenação no trabalho em equipa devido ao facto da responsabilidade do trabalho final apresentado na rua depender de todos e todos quererem mostrar o seu melhor desempenho à comunidade; maior união da turma promovida pela interajuda, partilha de opiniões, saberes e recursos. É notório que a caracterização da turma, realizada pela professora cooperante no início do ano letivo onde este estudo se integrou, teve algumas alterações após a realização do mesmo porque embora as divergências entre grupos de alunos ainda sejam notórias, bem como a desmotivação por parte de alguns membros da turma no envolvimento com a escola, certo é, que com base na análise dos valores apurados na avaliação realizada, na assiduidade e no comportando expectável em sala de aula, houve uma melhoria em relação ao ano transato.

Pode dizer-se que a resposta global a esta unidade didática foi positiva devido ao interesse, empenho e motivação demonstrado. Os objetivos foram igualmente cumpridos e embora o balanço seja positivo, no que respeita a cumprimento de metas, é necessário realçar alguns pontos a melhorar. Neste levantamento de melhorias, é necessário ter em conta as condições físicas e de saúde de cada aluno. Este fator torna-se fundamental no caso de problemas de asma ou alergia devido ao uso de *sprays*. É por isso necessário fazer o levantamento de todas estas condições para avaliar a utilização ou adaptação de materiais a ambientes e pessoas bem como na seleção de material de segurança e proteção como máscaras ou luvas. Esta observação é tida como ponto a melhorar por existir um caso específico de uma aluna com uma condição clínica não apurada no decorrer da programação das aulas. Esta não inclusão fez com que o seu trabalho ficasse em atraso por não poder participar numa das primeiras aulas de pintura por falta de material de proteção. Outro aspeto importante a salientar tem a ver com os timings de realização de tarefas. Por ser uma técnica nova nas aprendizagens, a fase experimental é propícia à inutilização de algum material por mau uso do mesmo, situação comum e que terá de ser tida em conta aquando da obtenção de recursos, gestão de grupos de trabalho e

disponibilidade de tempo de aula.

Em suma, o graffiti poderá ser encarado como um gerador motivacional que impulsiona a curiosidade e o desempenho dos alunos construindo uma ponte entre a cultura escolar e a sua cultura visual transpondo a arte de rua para o meio do ensino e das aprendizagens.

“Apesar do que dizem, o graffiti não é uma arte menor. Embora possas ter de te esconder na noite e mentir à tua mãe, é realmente uma das formas de arte mais honestas disponíveis. Não há elitismo ou modas, ela mostra-se nas melhores paredes que a cidade tem para oferecer e ninguém é rejeitado pelo preço de admissão”. (Banksy, 2006, p.8)
(tradução livre da autora)

BIBLIOGRAFIA

a) Periódicos

- Calado, Margarida** (2013) “Porque ensinar História da Arte.” Revista Matéria-Prima, Práticas Artísticas no Ensino Básico e Secundário. ISSN 2182-9756. Vol. 1 (1): 56-62.
- Martínez, R.** (2005). Cultura viva: entrevista com Paul Willis. *Tempo Soc.*, 17(2).
doi:10.1590/s0103-20702005000200013

b) Obras consultadas

- Almeida, L., & Freire, T.** (2003). *Metodologia da investigação em psicologia da educação*. Braga: Psiquilibrios.
- Argan, G. & Gubernatis, H.** (1995). *Arte e critica de arte*. Lisboa: Estampa.
- Arnheim, R.** (1994). *Arte e Percepção Visual: Uma psicologia da visão criadora*. São Paulo: Livraria Pioneira Editora.
- Banksy** (2006). *Wall and Piece*. London: Century
- Bronowski, J.** (1983). *Arte e Conhecimento – Ver, Imaginar, Criar, Arte & Comunicação*. Lisboa: Edições 70
- Campos, C.** (2010). *1,000 ideas for graffiti and street art : [murals, tags, and more from artists around the world]*. Beverly, Mass. Hove: Rockport RotoVision distributor.
- Cohen, L., Manion, L., & Morrison, K.** (2007). *Research methods in education*. New York Routledge.
- Cooper, M., Zeb. & Kramer, N.** (2013). *Hip hop files : photographs 1979-1984*. Berlin London: From Here to Fame Turnaround distributor.
- Creswell, J. W.** (2010). *Projeto de pesquisa: Métodos qualitativo, quantitativo e misto*. Porto Alegre: Artmed.
- Eco, U.** (1988). *Como se faz uma tese em ciências humanas*. Lisboa: Presença.
- Edwards, B.** (2003). *Desenhando com o Lado Direito do Cérebro*. São Paulo: Ediouro Publicações
- Estrela, A. & Nóvoa, A.** (1992). *Novas Perspectivas*. Lisboa: EDUCA
- Focillon, H.** (1988). *A Vida das Formas*, Lisboa : Edições 70
- Ganz, N.** (2009). *Grffiti World*. THAMES & HUDSON LTD
- Hera., Akut., Siddiqui, J. & Lehmann, F.** (2008). *Herakut : the perfect merge*. Mainaschaff: Publikaat

Hadjinicolaou, N. (1989). *História da arte e movimentos sociais*, Lisboa: Edições 70

Hauser, A. (1984). *A Arte e a Sociedade*, Lisboa: Editorial Presença

Manco, T. (2007). *Street sketchbook*. London: Thames & Hudson.

Moore, M. (2014). *Enthropie : Alexandre Farto aka Vhils*. Paris: Editions Alternatives.

Munari, B. (1987). *Fantasia, Invenção, Criatividade e Imaginação na Comunicação Visual*. Lisboa : Presença

Noir, C. (2009). *Label 228 : a street art project*. Brooklyn: Soft Skull.

Read, H. (1943). *Educação pela arte*. Lisboa: Edições 70

Vigotsky, L. (2009). *A imaginação e a Arte na infância*. Lisboa: Relógio d'Água

2. Webgrafia

Alexandrefarto.com,. (2015). *news / ALEXANDRE FARTO AKA VHILS*. Retrieved 6 February 2015, em <http://www.alexandrefarto.com/>

Almada E. N.. (s.d.). *Antigos Alunos Emídio Navarro - Almada*. Obtido em 10 de Janeiro de 2014, em <http://antigosalunosalmada.blogspot.pt/>

artFido's Blog,. (2015). *An interview with BANKSY... finally!*. Retrieved 3 February 2015, em <http://www.artfido.com/blog/an-interview-with-banksy-finally/>

Banksy.co.uk,. (2015). *Banksy*. Retrieved 3 February 2015, em <http://banksy.co.uk/films.asp>

Behance.net,. (2015). *Behance*. Retrieved 6 February 2015, em <https://www.behance.net/aireyaire>

Behance.net,. (2015). *Behance*. Retrieved 6 February 2015, em <https://www.behance.net/skran>

Biography.com,. (2015). Retrieved 6 February 2015, em <http://www.biography.com/people/jean-michel-basquiat-185851>

Cwrl.utexas.edu,. (2015). Retrieved 5 February 2015, em <http://www.cwrl.utexas.edu/~burdette/projects/rea>

Daim.org,. (2015). *DAIM | graffiti-art*. Retrieved 6 February 2015, em <http://daim.org/site/en>

Engenho, C.A. (s.d.). *Centro UNESCO Ciência, Arte e Engenho*. Obtido em 10 de Janeiro de 2014, em <http://esen.pt/becre/>

Graffuturism,. (2015). *Artist Feature Rubin*. Retrieved 6 February 2015, em <http://graffuturism.com/2014/12/11/artist-feature-rubin/>

illegalorincredible,. (2011). *The History of Graffiti*. Retrieved 4 February 2015, em <https://illegalorincredible.wordpress.com/the-history-of-graffiti/>

Kickstarter,. (2015). *BOMB IT 2*. Retrieved 3 February 2015, em <https://www.kickstarter.com/projects/276862509/bomb-it-2>

Maclaim.de,. (2015). [*maclaim*]. Retrieved 6 February 2015, em <http://www.maclaim.de/#>

Linha, O.I. (s.d.). *Oficina Ideias em Linha* . Obtido em 10 de Janeiro de 2014, em <http://in5423.wix.com/oil-arg>

Mariobelem.com,. (2015). *Mario Belem*. Retrieved 6 February 2015, em <http://www.mariobelem.com/>

Navarro, E. E. (s.d.). *Escola Secundária Emídio Navarro*. Obtido em 10 de Janeiro de 2014, em <http://esen.pt/in/>

NYMag.com,. (2015). *Graffiti in Its Own Words*. Retrieved 3 February 2015, em <http://nymag.com/guides/summer/17406/>

Obeygiant.com,. (2015). *OBEY GIANT - WORLDWIDE PROPAGANDA DELIVERY*. Retrieved 6 February 2015, em <http://www.obeygiant.com/>

ODEITH,. (2015). *ODEITH - Original Anamorphic Graffiti Letters - Memorial Walls*. Retrieved 6 February 2015, em <http://www.odeith.com/>

Our Viral Lives,. (1422). *Our Viral Lives*. Retrieved 6 February 2015, em <http://ourvirallives.org>

projetos e novidades,. (2015). *Site Oficial OSGEMEOS – projetos e novidades*. Retrieved 6 February 2015, em <http://www.osgemeos.com.br/pt>

Rubin415,. (2015). *Rubin415*. Retrieved 6 February 2015, em <http://www.rubin415.com/>

YouTube,. (2015). *Banksy - Exit Through The Gift Shop (Legendado pt-pt) Documentário*. Retrieved 3 February 2015, em <https://www.youtube.com/watch?v=2gG816UvtCA>

YouTube,. (2015). *DIVE INTO THE COLOURS GRAFFITI & STREET ART DOC PORTUGAL*. Retrieved 3 February 2015, em <https://www.youtube.com/watch?v=Gecvc8admGo>

YouTube,. (2015). *Graffiti Lisboa*. Retrieved 3 February 2015, em https://www.youtube.com/watch?v=P1Tnh_KfXaU#t=22

YouTube,. (2015). *Lascaux, a Pré-História da Arte - Português - Completo*. Retrieved 3 February 2015, em <https://www.youtube.com/watch?v=WNbWHLU-U4o>

YouTube,. (2015). *Style Wars Xtras_ (1983 graffiti documentary)*. Retrieved 3 February 2015, em https://www.youtube.com/watch?v=vyX_YfORgtY#t=1592

APÊNDICES

I. Entrevista à professora cooperante Graça Leão

Esta entrevista foi realizada na perspetiva de conhecer melhor a professora cooperante que iria acompanhar o meu contato com a escola no decorrer do mestrado, bem como, do ponto de vista de professora estagiária, conhecer o percurso de quem vive a profissão de docente ao longo da vida.

Salomé Afonso - O que a motivou a seguir o ensino artístico como profissão?

Professora Graça Leão - Eu fui para esta profissão por acaso. Quando comecei a lecionar tinha apenas o curso de artes gráficas da Escola António Arroio. Eu comecei a trabalhar em cinema por volta 1975/76, para a Direção Geral da Educação permanente, tinha 15/16 anos. Éramos um grupo grande de jovens que teve a oportunidade de realizar várias coisas no campo artístico após o 25 de Abril. Depois, com o primeiro governo de Mário Soares a Direção Geral de Educação permanente, mudou de mãos e reduziu em muito os projetos para educação de adultos tendo acabado os contratos com muitos de nós. Após terminar a Escola António Arroio, tentei trabalhar em Fotografia, Artes Gráficas e ilustração publicitária mas os empregos eram muito precários e de curta duração. Em 1980 fui para França e estive por lá a trabalhar até ao final do ano tendo voltado no Natal deste ano para a minha casa que tinha comprado (dado sinal de entrada) com o dinheiro que fui ganhando em França. Nesse ano concorri para dar aulas no ensino básico e fiquei colocada na Escola Conceição e Silva na Cova da Piedade. Como a experiência de lecionar foi muito gratificante nesse meu primeiro ano de trabalho decidi voltar a concorrer e continuar a estudar, foi então que fui para a ESBAL hoje Faculdade de Belas Artes de Lisboa.

Salomé Afonso - Quais as principais mudanças que destaca no ensino artístico quando se iniciou na profissão para o ensino atual?

Professora Graça Leão - O ensino das artes dentro do ensino básico e secundário tem vindo a ser constantemente modificado em função das mudanças de governos. Quando comecei a dar aulas era pouco considerado, depois durante os finais dos anos 80 e até meados dos anos 90 melhorou bastante quanto à formação dos alunos para entrada da Faculdade mas com as últimas reformas educativas tem vindo a voltar a ser considerado como uma opção de menor importância e sobretudo nestes dois últimos anos muito

negligenciado.

Salomé Afonso - Comparativamente com as escolas que percorreu ao longo da sua carreira, como caracteriza a ESEN?

Professora Graça Leão - A ESEN é uma escola bem situada nível geográfico. O trabalho desenvolvido nela encontra-se bem enquadrado no espaço sociocultural envolvente, desenvolvendo a escola várias atividades apoiadas pela autarquia de Almada ou por instituições culturais da cidade de Almada. A escola está mais vocacionada para o ensino no campo das ciências e tecnologias e para o ensino profissional próximo dessas áreas científicas. A escola tem bom ambiente no que se refere ao relacionamento dos professores em geral e possui espaços relativamente bem equipados para o ensino das artes. Não é uma escola com grandes problemas de indisciplina por parte dos alunos mas que tem vindo a registar cada vez mais situações problemáticas nesse campo por alteração da população escolar. Na minha vida de professora já estive em escolas em que me senti mais apoiada, mas também já estive em escolas bem piores. A ESEN é uma escola que recomendaria a outro colega.

Salomé Afonso - Ao nível comportamental, criativo e cognitivo, que mudanças principais nota nos grupos de alunos que tem acompanhado ao longo da sua carreira?


Professora Graça Leão - É difícil estabelecer um padrão em relação aos vários campos que a pergunta aponta. Durante os mais de 30 anos de ensino já percorri várias escolas e dei aulas a vários níveis de ensino. Lecionei turmas desde o 1º ciclo ao secundário, passando ainda pela formação de professores.

Existem diferenças consideráveis nas aprendizagens cognitivas dos alunos de escolas por exemplo; do Monte de Caparica, Seixal ou Almada. Essas diferenças estão diretamente relacionadas com as questões comportamentais. Quanto à criatividade eu vejo-a como algo que está mais ligada com a experiência pessoal e familiar de cada aluno e menos com as escolas.

Durante os anos 90 o número de alunos por turma diminuiu para cerca de 25 alunos por turma. Essa alteração conjugada com medidas adotadas pelas escolas, de apoio e acompanhamento de alunos mais problemáticos, contribuiu bastante para a melhoria do ambiente de aprendizagem em sala de aula. No entanto, as medidas de aumento de alunos por turma adotadas nestes últimos anos têm vindo a fazer retroceder os resultados

positivos a uma velocidade muito maior do que a melhoria verificada pela experiência anterior. Também quanto ao ensino artístico o desinteresse por este por parte tanto dos governos mais recentes como por parte das escolas, tem aumentado bastante nestes últimos 5 anos o que penso ser um fator bastante negativo pois muitas vezes os processos de ensino utilizados no ensino artístico são mais eficazes do que os processos de ensino baseados apenas em funções cognitivas ligadas às operações matemáticas e aos domínios linguísticos.

II. Planificação da unidade

DISCIPLINA: DESENHO A			
Planificação unidade: Desenho do rosto			
Ano Lectivo-2014/2015	11º ano	Turma: 11CH6AV	
1º Período	(aulas previstas <i>Desenho A</i> – 11 blocos de 45min)		

Descrição da actividade proposta:

Nesta actividade é pretendido que o aluno faça o desenho do seu próprio rosto através da técnica do stencil. Esta actividade é composta por três blocos centrais de conteúdos, o desenho do rosto humano, a comunicação e o graffiti; com o objectivo de, através da sua simbiose, despertar no aluno o interesse por novas técnicas e materiais fazendo cumprir toda a sua aprendizagem do desenho da figura humana.

Relativamente ao desenho do rosto humano, numa primeira fase são apresentadas ao aluno as proporções do rosto, onde a partir do qual é proposta uma simplificação do seu próprio rosto através da mancha provocada pelo-claro escuro respeitando as regras da proporcionalidade tendo por base uma fotografia do seu rosto.

Numa segunda fase, é apresentada ao aluno arte do Graffiti, a origem do seu nome, as questões sociais de arte ou vandalismo, os termos técnicos e o graffiti como forma de comunicação. É proposta uma pesquisa base de artistas e técnicas inerentes a esta arte que resultarão num debate de ideias em turma.

Numa terceira fase é desenvolvido o exercício de stencil onde através do recorte de manchas em papel poderão criar o molde para pintar uma placa de pvc com 30x30cm através da técnica da pintura a spray. No final é feita uma apreciação colectiva do trabalho realizado e são preenchidas fichas de auto-avaliação.

Conteúdos	Competências	Actividades: Alunos	Actividades: Professor	Blocos	Instrumentos de avaliação
<u>Aprofundamento</u> Visão: - Transformação dos estímulos em percepções - O papel dos órgãos sensoriais: os olhos e a recolha da informação visual. Procedimentos técnicos: Mancha: natureza e carácter (forma, claro-escuro).	Interpretar e comunicar: O aluno reagirá criticamente a mensagens visuais. Observar e analisar: O	Visionamento de uma apresentação multimédia sobre o desenho do rosto. Fotografar as caras dos alunos. Trabalho a pares: - Origem do nome e história. - Arte ou Vandalismo. - Termos técnicos e Técnicas. - Forma de comunicação Debate conjunto de turma e visionamento de uma apresentação multimédia.	Exposição oral e apresentação de <u>Power-Point</u> Montar cenário para fotos com fundo branco, holofote, tripé e máquina fotográfica. Tirar as fotografias. Observação directa e correctiva de todo o trabalho. Lançamento de TPC – Pinterest – <u>graffiters</u> portugueses e estrangeiros.	3 Blocos	Observação e registo directo de todo o processo de participação através de um diário de bordo.

<p>Cor: Luminosidade, cromática, claro-escuro</p> <p>Modos de registo: Modos de transferência: decalque, stencil. Processos de síntese: nivelamento, simplificação</p> <p>Materiais: Suportes: papéis e placas de PVC (espessuras, texturas) Meios actuantes aquosos: Tintas de spray Meios actuantes riscadores: canetas</p>	<p>aluno deverá, mercê do exercício de observação analítica, observar e registar com crescente aptidão analítica o rosto humano por meios das suas proporções.</p>	<p>A pares: Debate sobre algumas questões colocadas sobre a arte do graffiti. Debate conjunto em turma sobre as conclusões do trabalho a pares.</p>	<p>Exposição oral e distribuição das fotografias.</p> <p>.Orientador.</p>	<p>1 Bloco</p>	<p>Grelhas de avaliação ou de descritores.</p>
	<p>Observar e analisar: O aluno deverá, mercê do exercício de observação analítica, observar e registar com crescente aptidão analítica o rosto humano por meios de manchas.</p>	<p>Exercício "Conhecer-se melhor": Verificação de proporções nas fotografias tiradas.</p>	<p>Mediador.</p>	<p>1 Bloco</p>	
	<p>Manipular e sintetizar: O aluno deverá aplicar procedimentos e técnicas com adequação e correção. Deverá utilizar uma correcta ocupação de página quando tal é solicitado.</p>	<p>Exercício "Stencil": Desenho de decalque à transparência das manchas escuras da cara e recorte das mesmas por forma a construir um stencil do seu próprio rosto.</p>	<p>Exemplificação prática e oral.</p> <p>Orientador.</p>	<p>2 Blocos + 3 Blocos</p>	<p>Fichas ou relatórios de auto-avaliação</p>
		<p>Pintura de stencil em placas de PVC usando a técnica do graffiti.</p>	<p>Distribuição e recolha de fichas de auto-avaliação.</p>	<p>1 bloco</p>	
<p>Materiais: 2 folhas de papel A4, 80gr (folhas brancas de impressora); duas folhas de papel A4, 135gr; lápis HB ou B, x-acto e base de corte (ex. cartão), placas de PVC ou cartão de 30x30cm, tintas de spray, fita-cola de pintor, fotografias a PB em A4 em folha de 80gr, régua de 15cm 3 ou 4 canetas coloridas (de escrita ou de feltro).</p> <p>Materiais didácticos: Ficheiros interactivos, fichas e orelhas de auto-avaliação.</p>					

Materials:

2 folhas de papel A4, 80gr (folhas brancas de impressora); duas folhas de papel A4, 135gr; lápis HB ou B, x-acto e base de corte (ex. cartão), placas de PVC ou cartão de 30x30cm, tintas de spray, fita-cola de pintor, fotografias a PB em A4 em folha de 80gr, régua de 15cm 3 ou 4 canetas coloridas (de escrita ou de feltro).

Materials didácticos:

Ficheiros interactivos, fichas e orelhas de auto-avaliação.

